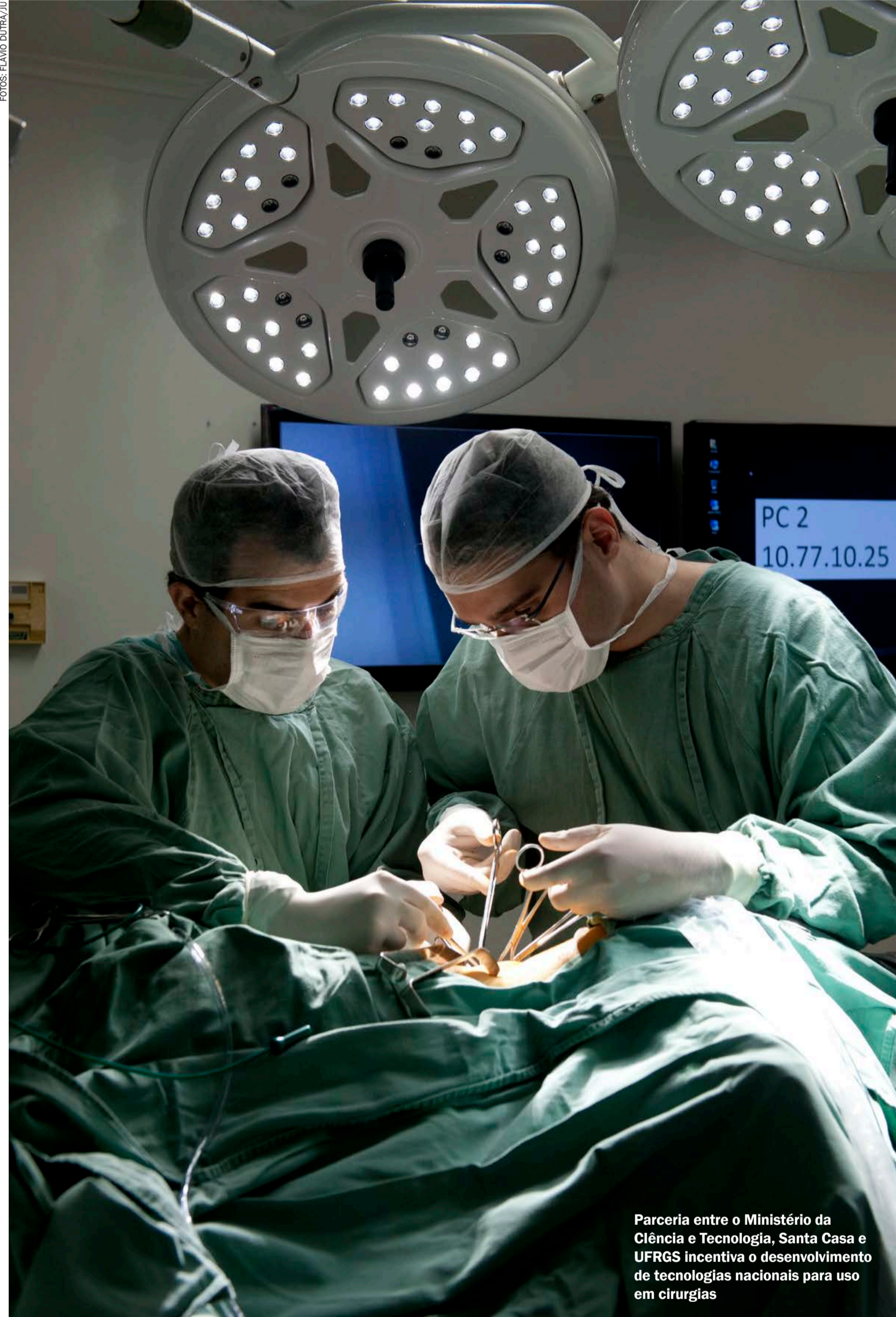


Saúde melhorada



FOTOS: FLÁVIO DUTRA/JU

Parceria entre o Ministério da Ciência e Tecnologia, Santa Casa e UFRGS incentiva o desenvolvimento de tecnologias nacionais para uso em cirurgias

Tecnologia Um software desenvolvido dentro da UFRGS possibilita a melhoria de procedimentos cirúrgicos videoassistidos, ao permitir que estudantes de medicina acompanhem as operações como se estivessem na própria sala de cirurgia. Outro exemplo na área da saúde é o teste de qualidade de próteses realizado pelo Laboratório de Metalurgia Física (Lamef), que reduziu problemas com os implantes ortopédicos feitos em pacientes do SUS.

Página Central

POLÍTICAS PÚBLICAS

Meta é combater a obesidade

Encarada com o estatuto de epidemia mundial, a obesidade tem alcançado índices alarmantes entre as crianças brasileiras. Para a coordenadora do Núcleo de Pesquisas em Antropologia Social da Universidade, Daniela Knauth, a aceleração no ritmo de vida teve consequências diretas nos hábitos alimentares, com aumento da ingestão de refeições rápidas e de produtos industrializados, com alto teor de açúcar, gorduras e sódio. **P11**



AVANÇOS E DESAFIOS

Acesso à cultura em discussão

Embora muitos espaços culturais hoje tenham equipamentos para facilitar a frequência de pessoas com necessidades especiais, o problema do acesso não se limita à questão espacial. Para os deficientes visuais, por exemplo, cinemas e museus são espaços ainda inacessíveis pela carência de audiodescritores. **P4**

ESPETÁCULO

Instituto de Artes estreia montagem da ópera Dido e Eneas

P5

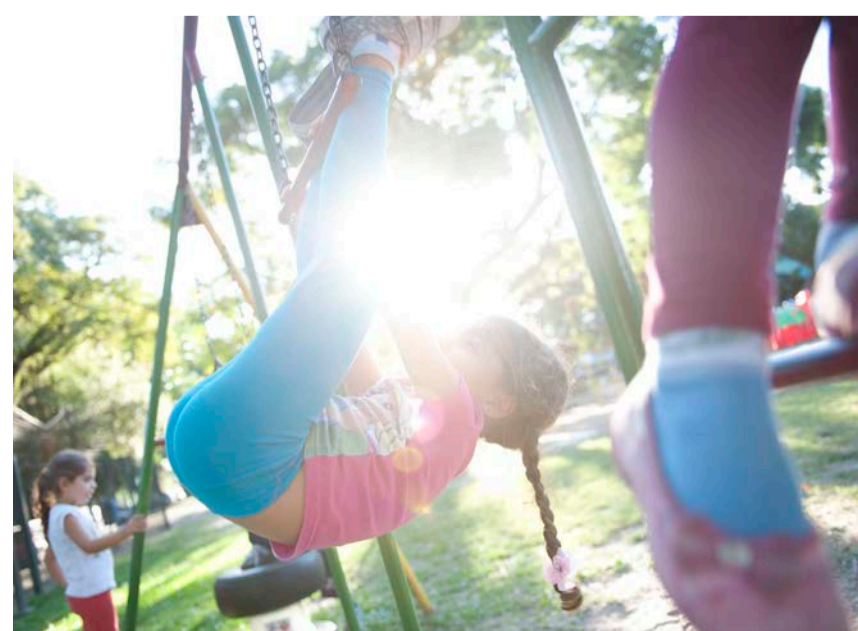
Gestão 2012-2016

Escolha do reitor será indicada por consulta à comunidade **P3**

Graduação

Em dez anos, UFRGS teve aumento de 30% nas vagas **P6**

A criança nos países de língua portuguesa



Seminário promovido pela Escola de Educação Física da UFRGS que reuniu professores e pesquisadores de Angola, Brasil, Cabo Verde, Portugal e Timor Leste discutiu o quanto a criança que fala português sofre com a pobreza, com os limites ao seu direito de brincar e com a obsolescência da escola. Portugal, por exemplo, que tem um dos mais baixos índices de natalidade do mundo, é um dos três países da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) no qual as crianças morrem em decorrência da violência familiar. **P13**

Espaço da Reitoria

Aldo B. Lucion
Pró-reitor de Pós-graduação

As fronteiras e os horizontes da pós-graduação

A UFRGS lançou dois projetos relativamente simples, mas que se inserem num contexto amplo, cuja análise poderá direcionar estratégias futuras. Os editais de missão de curta duração em universidades no exterior para estudantes de pós-graduação (2011 e 2012) e para docentes (2012) tiveram uma demanda significativa, demonstrando o interesse da comunidade em estabelecer vínculos acadêmicos com colegas de outros países. Esses programas são fruto das prioridades dos Programas de Pós-graduação consolidadas no Seminário de Avaliação e Planejamento da UFRGS em 2010 e se aliam ao arrojado e necessário Programa Ciência Sem Fronteiras do MEC e MCTI.

O sistema de pós-graduação sempre foi ambicioso. Em 50 anos, o Brasil desenvolveu um excelente sistema, que tem reduzido o enorme déficit de profissionais com titulação de doutor. Dados do IBGE de 2010 mostram que o país tinha 1,4 doutores por mil habitantes na faixa de 25 a 65 anos de

idade. Para se aproximar das nações mais desenvolvidas, o sistema de pós-graduação brasileiro deverá passar dos atuais 11 mil doutores titulados por ano para um horizonte de 22 mil até 2020, conforme o Plano Nacional de Pós-graduação. A Pós-graduação da UFRGS participa desse enorme esforço.

A missão da pós-graduação é a educação doutoral. Em 2008, a UFRGS tinha 8.301 estudantes matriculados em mestrado e doutorado; em 2011 foram 10.132 em todas as áreas de conhecimento. De 2008 a 2012 foram aprovados 11 novos cursos na UFRGS em áreas estratégicas interdisciplinares e interinstitucionais. O delicado equilíbrio entre a quantidade e a qualidade da formação acadêmica tem merecido constante vigilância das coordenações dos Programas de Pós-graduação. A porcentagem de programas com notas 6 ou 7 da Capes tem aumentado significativamente nas últimas avaliações, destacando a UFRGS no país. A avaliação institucional internacional está no horizonte da

nossa Universidade.

O sistema de pós-graduação da UFRGS tem participado de projetos de Doutorado e Mestrado Interinstitucional (DINTER e MINTER) como instituição promotora, doutorando professores de universidades do estado (10 desde 2003), das regiões centro-oeste e norte do Brasil, e do Uruguai, contribuindo para a redução de assimetrias acadêmicas. A participação na formação de docentes da Educação Básica é uma fronteira cruzada pela pós-graduação e que terá impacto decisivo na expansão e na qualificação dos estudantes que ingressam na universidade.

Por que a internacionalização é necessária? Porque o objetivo da UFRGS é formar lideranças. A educação doutoral encontra-se na confluência das agendas universitárias e de políticas de ciência, tecnologia e inovação dos países. Os desafios do sistema de pós-graduação da UFRGS: aprofundar os laços regionais e consolidar-se internacionalmente como uma universidade de classe mundial.

UFRGS

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
Av. Paulo Gama, 110 - Bairro Farroupilha, Porto Alegre - RS | CEP 90046-900
Fone: (51) 3308-7000 | www.ufrgs.br

Reitor
Carlos Alexandre Netto
Vice-reitor
Rui Vicente Oppermann
Chefe de Gabinete
João Roberto Braga de Mello
Secretário de Comunicação Social
Flávio Porcello

JORNAL DA UNIVERSIDADE
Publicação mensal da Secretaria de Comunicação Social da UFRGS
Fones: (51) 3308-3368 / 3308-3497

Conselho Editorial
Cassiano Kuchembocker Rosing, Cesar Zen Vasconcellos, Daltro José Nunes, Edson Luiz Lindner, Fernando Cotanda, Flávio Porcello, Maria Heloisa Lenz, Maria Henriqueta Luce Kruse, Ricardo Schneiders e Rudimar Baldissara
Editora
Ánia Chala
Repórteres
Everton Cardoso, Jacira Cabral da Silveira e Samantha Klein
Projeto gráfico
Juliano Bruni Pereira
Diagramação
Kleiton Semensatto da Costa
Fotografia
Flávio Dutra
Revisão
Antônio Falcoetta
Bolsistas
Bibiana Guaraldi, Priscila Daniel e Priscila Kichler Pacheco (jornalismo)
Circulação
Márcia Fumagalli
Fotolitos e impressão
Gráfica da UFRGS
Tiragem 12 mil exemplares

facebook.com/jornaluniversidade
@jornalufrgs

Memória da UFRGS

Mural do leitor

jornal@ufrgs.br

2007

Há cinco anos, em 29 de junho, o Conselho tomou uma decisão histórica ao votar pela implantação do Programa de Ações Afirmativas da UFRGS. A aprovação foi comemorada por representantes da comunidade e pelo então reitor José Carlos Ferraz Hennemann (centro) e seu vice Pedro Cezar Dutra Fonseca.



FLÁVIO DUTRA/ARQUIVO JU - JUNHO/2007

Divulgação científica

Gostaríamos de parabenizar o JU pela reportagem Ciência para Todos, que abordou a temática da popularização e da difusão da ciência, destacando projetos que possuem quota de bolsa referente ao Edital Programa Ciência na Sociedade Ciência na Escola/PROPESQ/UFRGS. Esse Programa está em sua 4.ª edição e tem o compromisso de estimular projetos desenvolvidos na Universidade, voltados à popularização e à difusão da ciência e tecnologia nos diversos grupos sociais e no meio escolar.

► **Divisão de Difusão e Popularização da Ciência / PROPESQ-UFRGS**

Artigo

A UFRGS e as políticas de ações afirmativas

Em 26 de abril de 2012, o Supremo Tribunal Federal aprovou por unanimidade a constitucionalidade das cotas raciais nas universidades públicas brasileiras. Na prática, o Supremo corroborou o que era já comum na maior parte de nossas universidades, que vinham implementando políticas de ações afirmativas, entre elas a Universidade Federal do Rio Grande do Sul, que o fez em 2008.

A UFRGS estabeleceu que, a partir do vestibular de 2008, 30% das vagas de cada um de seus cursos de graduação seriam destinadas a candidatos oriundos de escolas públicas, sendo que metade dessas vagas se destina a candidatos autodeclarados negros. Caso em algum curso as vagas não sejam preenchidas por uma dessas categorias, elas passam a ser aproveitadas pelas demais categorias de candidatos. Completados quase cinco anos dessa política, torna-se relevante analisar o que nos dizem os dados.

Antes da implementação do Programa de Ações Afirmativas na UFRGS, apenas 3,27% dos estudantes aprovados se autodeclararam negros (incluindo nessa categoria pretos e pardos); com a adoção das cotas, essa porcentagem passou para 11,03, o que mostra que mais do que triplicou o número de afro-descendentes na UFRGS. O Censo de 2010 aponta o Rio Grande do Sul como tendo 18,3 % da população se declarando preta ou parda, o que indica que a Universidade está se aproximando da realidade demográfica do estado no qual se localiza.

É interessante comparar a presença negra nos cursos menos e mais procurados. No ano de 2008, em cinco dos 69 cursos oferecidos, todas as vagas destinadas a candidatos negros foram preenchidas e, em outros cinco cursos, apenas uma vaga deixou de ser preenchida, passando esta para candidato branco. Desses dez cursos, cinco são noturnos e cinco são de licenciatura – cursos menos procurados.

Por outro lado, há cursos com grande procura, em que a nota de corte é muito alta, como, por exemplo, Medicina (mais de 30 candidatos por vaga). Nesses cursos, no primeiro ano em que teve início a política de ações afirmativas na UFRGS, nenhum candidato negro entrou, sendo que as vagas e eles destinadas foram preenchidas por estudantes brancos. Assim, em 2008, em 12 cursos, não foi aproveitada nenhuma vaga de cotas raciais e em outros 15, apenas uma vaga foi preenchida por estudante de escola pública autodeclarado negro, passando as cotas raciais a serem apenas sociais.

Esse quadro permaneceu por quatro anos sem grandes alterações. Em 2011, por exemplo, dos 87 cursos oferecidos, em 19 todas as vagas para cotas raciais foram aproveitadas por candidatos brancos e em 15 cursos apenas uma vaga foi preenchida por estudante autodeclarado negro. Por outro lado, somente três cursos, todos noturnos, tiveram as vagas raciais preenchidas: Psicologia, Química e Teatro. Em outros quatro, apenas uma vaga racial não foi aproveitada, indo para alunos

brancos: Fisioterapia, Fonoaudiologia, Física e Educação Física.

Frente a essa situação, o Conselho de Ensino e Pesquisa da UFRGS decidiu alterar o processo de seleção de 2012. Até 2011, para ter a sua redação avaliada, os candidatos negros tinham de alcançar na prova objetiva a mesma média que os demais candidatos. Apenas uma pequena parcela, insuficiente para preencher as vagas, obtinha essa média. A nova regra estabelece um escore inferior para os candidatos a cotas raciais terem a sua redação corrigida. O efeito da mudança se fez logo sentir. No caso de Medicina, em que no período de 2008 a 2011 só entraram três estudantes autodeclarados negros, no ano de 2012 foram preenchidas as 21 vagas das cotas raciais.

Ao todo, 20 cursos tiveram todas as cotas raciais preenchidas pelos seus sujeitos de direito, estudantes de escolas públicas autodeclarados negros. Entre eles, Medicina, Psicologia, Direito, Biomedicina, Ciência da Computação, Comunicação Social, Design, Enfermagem, Engenharias, Fisioterapia, História e Química Industrial.

Psicólogos têm estudado situações em que representantes de minorias em espaços públicos sentem-se isolados quando não têm ninguém de seu grupo para compartilhar sua experiência. Sandra Day O'Connor referiu a sua vivência de única mulher na Suprema Corte dos Estados Unidos de 1981 a 1993 como asfixiante. Cada tomada de decisão sua era escrutinada e comentada na mídia.

No momento em que outra mulher ingressou na Suprema Corte, ela se sentiu mais fortalecida e à vontade num tribunal composto por nove magistrados. Essa experiência na opinião de Claude Steele, que estuda os efeitos de estereótipos no comportamento humano, foi provavelmente marcante para a decisão da juíza a favor do uso de raça como um dos critérios para a seleção na Escola de Direito da Universidade de Michigan, numa decisão histórica de 5 a 4, em 2003.

Além de incluir minorias até recentemente pouco representadas nas universidades públicas, um dos efeitos positivos das políticas adotadas pela UFRGS é criar um ambiente universitário em que há maior convivência entre estudantes de diferentes origens sociais e raciais. Quando as cotas estavam sendo discutidas, houve um caso em que a parede de um prédio da universidade foi pichada, expressando o preconceito de que o negro no Brasil "deveria conhecer o seu lugar". Este tipo lamentável de atitude felizmente não tem se repetido, mostrando o quanto nossa universidade e o Brasil estão mudando em termos de aceitação da diversidade cultural.

Arabela Campos Oliven
Professora do Programa de Pós-graduação em Educação da UFRGS e pesquisadora do Grupo de Estudos sobre Universidade (GEU)
E-mail: aoliven@uol.com.br

Universidade escolhe reitor

No próximo dia 14 de junho, estudantes, técnicos e professores da UFRGS estão convidados a participar da Consulta à Comunidade para a escolha do reitor e do vice que estarão à frente de uma das mais conceituadas instituições públicas de ensino superior do país no período 2012-2016.

A exemplo do que ocorreu nas últimas consultas, o Centro de Processamento de Dados da Universidade (CPD) será responsável pela disponibilização dos equipamentos e softwares para a realização do pleito.

O professor Celso Loureiro Chaves, presidente da Comissão de Consulta, destaca que se pretende divulgar a classificação dos candidatos logo após a meia-noite do dia 14.

A votação será feita em cédula digital oficial, sendo que o eleitor deverá comparecer a qualquer seção de votação com o cartão da UFRGS ou com um documento oficial com foto, fazendo sua identificação na urna eletrônica mediante seu número de cartão da Universidade seguido de sua senha.

Podem participar da consulta docentes, técnicos administrativos e estudantes regularmente matriculados em cursos de graduação, mestrado e doutorado, exceto aqueles que estiverem com a matrícula trancada. Não são votantes professores e servidores técnico-administrativos convidados, pós-doutorandos em atividades de ensino e pesquisa, e alunos de cursos a distância e especializações. Quem estiver impossibilitado de votar por meio digital, poderá participar do processo por meio de célula de papel na

urna que será especialmente instalada no prédio da reitoria. Terminada a votação, as folhas de presença dos eleitores serão encaminhadas à Comissão de Consulta, que também receberá a apuração final emitida pelo CPD.

A lista dos que estão aptos a votar está divulgada no site da Consulta à Comunidade, onde é possível acompanhar todo o processo.

Abaixo publicamos as principais propostas das duas chapas que concorrem à reitoria. Os debates terão transmissão ao vivo pela UFRGSTV.

CALENDÁRIO DE DEBATES

Data: 6 de junho - quarta-feira
Local e horário: Anfiteatro Carlos César de Albuquerque (Ramiro Barcelos, 2.350), das 9h às 11h30
Data: 12 de junho - terça-feira
Local e horário: RU 3 do Câmpus do Vale (Bento Gonçalves, 9.500), das 15h às 17h30
A UFRGS TV irá transmitir os debates pelo canal 15 da NET e pela internet no endereço youtube.com/ufrgstv

Chapa 1

Renovar para MUDAR



Jairton Dupont (Química) e Maria Ceci Araujo Mizocsky (Administração)

Inconformidade é o sentimento que nos motiva buscar renovação na reitoria. É um desafio dos maiores, mas temos certeza de que nossa Universidade pode muito mais. A UFRGS deve envolver-se em projetos mais desafiadores; pode dar mais força para a criatividade e a invenção; pode tratar melhor a todos que nela trabalham e estudam. Pode, acima de tudo, ousar mais.

A UFRGS ostenta uma posição destacada no cenário nacional, e alguns programas de pós-graduação e grupos de pesquisa projetam seu nome internacionalmente. Esse quadro é fruto do esforço de toda a nossa comunidade. Recentemente, investimentos do governo federal permitiram a expansão das instituições federais de ensino. Porém, enquanto na UFRGS o número de vagas na graduação presencial aumentou timidamente 18% entre 2006 e 2010, nesse mesmo período cresceu 40% na UFPR, 54% na UFSC, 59% na UFSM, 85% na FURG e 106% na UFPel. Ademais, tem havido falta de planejamento e de estratégia institucional adequada para essa expansão, o que gerou sobrecarga de trabalho e agravamento das deficiências da infraestrutura em várias unidades. Essa forma de administrar chegou ao limite; mais do mesmo não irá qualificar a nossa UFRGS.

Defendemos a educação efetivamente inseparável da pesquisa/extensão. A UFRGS deve ser, sobretudo, o lugar de produção e disseminação de conhecimento e invenção, e de criação de interfaces entre todos os saberes. Queremos fazer da UFRGS, de fato, uma referência internacional pela sua excelência acadêmica.

Não cabe mais minimizar nossas mazelas; temos índices escandalosos de evasão e retenção, que não serão derrubados com paliativos. Em lugar do modelo centrado em aulas expositivas e nos currículos que não deixam tempo para o estudo, temos excelentes experiências de formação em que o aprendizado e a descoberta ocorrem em laboratórios, clínicas, arquivos, ateliês, seminários, bibliotecas, etc., conforme a natureza de cada área. Instituição de ensino superior sem formação pela pesquisa/extensão - que são meio, não fim - não pode ser chamada de Universidade. A pesquisa vai bem, de certa forma, graças ao esforço dos nossos grupos de pesquisa/extensão, que por iniciativa própria obtêm apoio financeiro externo. Porém, em geral, falta apoio técnico e administrativo institucional para os projetos. É como se a liberdade que temos para submeter projetos às agências de fomento eximisse a Instituição do planejamento, do apoio e das contrapartidas necessárias.

Nossa proposta é de RenovAÇÃO. Renovar significa valorizar todos os membros da comunidade

universitária. Significa os servidores técnico-administrativos serem de fato partícipes das decisões administrativas. Significa expandir, readequar e recuperar nossos espaços físicos, de modo a que possamos viver a UFRGS em todas as dimensões que constituem o fazer desta Universidade. Queremos que a UFRGS seja identificada como um ótimo lugar para trabalhar.

Defendemos uma gestão democrática, com participação efetiva de toda a comunidade universitária. Propomos um processo de democracia interativa para consultar a comunidade direta e indiretamente ligada à UFRGS sobre decisões importantes. A consulta direta será o primeiro passo para a indispensável revisão do Estatuto da UFRGS. Além disso, proporemos institucionalmente a mudança da legislação federal que restringe a autonomia universitária, interfere excessivamente na gestão do orçamento e até estabelece regras para a escolha dos reitores.

A UFRGS que renovaremos terá gestão descentralizada, contemplando as especificidades das dimensões acadêmica e administrativa, e dando apoio ágil e efetivo às atividades-fim. É preciso revisar rotinas, suprimir procedimentos desnecessários, romper a inércia e estabelecer relações de confiança com regras claras.

Nossa Universidade deve ter metas próprias, reafirmando sua posição de instituição de Estado e não instrumento de governos. Iremos ampliar nossa interação com universidades, empresas, governos, cooperativas e movimentos sociais, sempre aportando a qualidade e a visão inerentes à atividade acadêmica, universal, criativa e não excludente. A UFRGS deverá ser assertiva e assumir seu papel de protagonista na formulação de projetos estratégicos para o futuro do estado e do país.

Somos dois professores - um da Química, outra da Administração - junto com inúmeros docentes, técnicos administrativos em educação e estudantes. E te convidamos a vir conosco. A jornada não começou agora, porque vem do cotidiano da pesquisa/extensão, na sala de aula, no laboratório, na biblioteca, na oficina, no ateliê, no palco; a jornada não se encerra na eleição, porque quer se projetar para o futuro, que pode ser muito melhor, mais exigente, mais inteligente, mais integrado aos circuitos mundiais de ciência, cultura, tecnologia; um futuro mais democrático e participativo.

Jairton Dupont e Maria Ceci Mizocsky Para MUDAR

Vote Chapa 1: RenovAÇÃO na consulta para Reitor dia 14 de junho.

Conheça mais nossas propostas em: www.aufrgs-podemais.com.br

Chapa 2

A UFRGS que Fazemos Juntos!



Carlos Alexandre Netto (Medicina) e Rui Vicente Oppermann (Odontologia)

A UFRGS é uma das melhores e mais respeitadas universidades do país. Fortemente comprometida com a sociedade, disponibiliza seu potencial criativo, crítico e inovador por meio de ações de ensino, pesquisa e extensão. A gestão 2008/2012 de Alex e Rui foi, em muitos aspectos, transformadora. Expansão acadêmica inédita, importante qualificação da infraestrutura física e de equipamentos para o ensino, e a maior renovação dos quadros de docentes e técnicos administrativos em sua história, como resultado do Programa Reuni. A consolidação do destaque nas avaliações nacionais e internacionais comprova que é possível crescer, incluir e atender a uma parcela cada vez maior da sociedade com qualidade.

O sucesso da gestão só foi possível pelo apoio e engajamento de toda a comunidade universitária, apoio também materializado na construção coletiva do Plano de Desenvolvimento Institucional, PDI. Para isso, também contribuiu nossa experiência de gestão que, com o período à frente da reitoria, ultrapassa 12 anos de dedicação administrativa - como chefes de departamento, diretor de unidade e pró-reitor -, aliada à prática acadêmica.

Motivados por um grupo expressivo de docentes, diretores de unidades, técnicos administrativos e estudantes, nos apresentamos para concorrer a um novo mandato e continuar transformando a UFRGS. A proposta para a gestão 2012-2016 partiu de um diagnóstico da Universidade que estamos construindo juntos, de uma prática de gestão institucional e uma visão de futuro identificada com a missão da UFRGS. Seis eixos prioritários foram definidos:

1. Excelência Acadêmica e Inovação - Apoiar a qualificação e a integração das atividades de ensino, pesquisa e extensão através de projetos institucionais que contemplem o apoio técnico-administrativo, a infraestrutura e a inovação pedagógica e metodológica, entre outros. Implementar medidas para diminuir a evasão e a retenção na graduação, apoiar a qualificação dos cursos noturnos e licenciaturas. Estimular o desenvolvimento da pesquisa interdisciplinar e a consolidação da qualidade da pós-graduação, bem como atividades complementares à formação. Fortalecer a integração do Colégio de Aplicação com as unidades acadêmicas.

2. Ampliação das Interações com a Sociedade - Colocar à disposição da sociedade o saber acadêmico e a capacidade de pesquisa e inovação tecnológica da UFRGS para o desenvolvimento sustentável do estado e do país. Construir uma política cultural que se relacione aos processos de interação social e de revitalização dos espaços de cidadania.

3. Universidade de Classe Mundial - Consolidar

a UFRGS como Universidade de Classe Mundial pelo avanço acadêmico e dos indicadores de qualidade nas instâncias de avaliação nacional e internacional. Ampliar as parcerias com as melhores instituições de ensino e pesquisa dos cinco continentes na busca de um avanço significativo na mundialização acadêmica e fazer da UFRGS um verdadeiro câmpus internacional pelo forte estímulo à mobilidade.

4. Qualificação da Gestão Acadêmica e Institucional - Implementar uma reestruturação da gestão administrativa, buscando a diminuição da burocracia por meio da racionalização e da centralização dos processos administrativos, através de ferramentas de inovação tecnológica e da consolidação da legislação interna, e avançar na qualificação dos processos acadêmicos, a exemplo do processo de colação de grau que hoje permite entregar o diploma de graduação na cerimônia de formatura.

5. Desenvolvimento da Comunidade Universitária - Ampliar programas de acolhimento aos novos contratados e alunos da UFRGS, incluindo treinamentos, qualificação e, no caso dos docentes, lançamento de Editais para Novos Docentes, contemplando recursos que facilitem a implantação de novos projetos. Programas de qualificação continuada, dimensionamento e criação de uma Escola de Formação para os técnicos administrativos. Visando à integração dos estudantes, devemos estender o Programa de Assistência Estudantil e expandir as ações de reforço acadêmico, em especial aos ingressados pelas Ações Afirmativas. Ampliar as ações de esporte universitário competitivo e de participação.

6. Qualificação da Infraestrutura e Habitabilidade dos câmpus - Criar um programa de qualidade em infraestrutura, visando melhorar as condições de habitabilidade e de manutenção dos prédios e estruturas ligadas ao ensino, pesquisa e extensão. Nossa proposta contempla a dinamização do ritmo das construções das obras de interesse comum, a finalização do novo RU e a construção da Casa do Estudante e da Biblioteca do Câmpus do Vale, a implantação dos Câmpus do Litoral Norte e da Serra, do Parque Científico e Tecnológico e do Centro de Multiatividades Culturais. Serão definidos planos diretores para cada câmpus, com a participação da comunidade, visando à sua readequação e à construção de espaços de convivência e recursos para acessibilidade.

Conclamamos toda a Comunidade Universitária, professores, técnicos administrativos e estudantes a integrar o projeto da *Universidade que Fazemos Juntos 2012-2016* (www.ufrgs.br/chapa2).



FLÁVIO DUTRA/JU

Cultura às escuras



Participantes de oficina de audiodescrição visitaram o Museu Iberê Camargo, experimentando a ausência de visão

Acessibilidade Os avanços e desafios no acesso à cultura para portadores de deficiência

Dados do último censo, divulgados pelo IBGE em novembro passado, indicam que os portadores de deficiência correspondem a 23,9% da população brasileira – um alto número de pessoas que enfrenta dificuldades no acesso à cultura. Para Eduardo Cardoso, um dos organizadores do Seminário Nacional de Acessibilidade em Ambientes Culturais (Senaac), cuja segunda edição ocorreu no Câmpus Centro da UFRGS no último mês, essa é uma questão cultural, e a solução dos problemas passa pelo conhecimento. Segundo ele, esse processo acontece lentamente: “É uma aprendizagem que se dá aos poucos”.

Apesar de lenta, a mudança já está em curso. A própria existência de um evento nacional sobre o tema demonstra o aumento da atenção dada ao assunto. Professor do Departamento de Expressão Gráfica da Faculdade de Arquitetura da UFRGS, Eduardo afirma que “é possível perceber cada vez mais gente procurando entender sobre acessibilidade, tentando fazer as coisas certas. Já se tem uma perspectiva muito mais positiva do que há algum tempo”.

Um dos motivos apontados para essa melhora é a legislação. A Lei 10.098/2000 define acessibilidade como sendo “a possibilidade e condição de alcance para utilização, com segurança e autonomia, dos espaços, mobiliários, edificações, transportes, sistemas e meios de comunicação, por pessoa portadora de deficiência ou com mobilidade reduzida”. No entanto, apesar do amparo legal, a acessibilidade ainda esbarra na falta de informação.

As barreiras físicas são as mais conhecidas e, portanto, mais cobradas do que as de conteúdo. Cada vez mais lugares dispõem de rampas, mas o acesso à

cultura não pode se limitar à questão espacial. Conforme o docente, não se trata necessariamente de descaso com o público, pois “as barreiras físicas, que são as mais conhecidas pelas pessoas, já estão sendo vencidas. Por isso, a batalha pela difusão do conhecimento das diferenças”.

Consumidores excluídos – Formada em Jornalismo e com mestrado em Letras, Mariana Baierle reclama que o mercado literário para deficientes visuais é muito limitado. “Não encontro qualquer livro em áudio. Em uma livraria gigante, tem uma seçãozinha pequena com apenas alguns livros.” Para ela, essa situação só será modificada quando os portadores de deficiência passarem a ser considerados consumidores em potencial. Empresas que não investem em recursos acessíveis perdem uma importante fatia do mercado. A mesma ideia é defendida por Eduardo, para quem os espaços culturais precisam abrir os olhos para o grande número de pessoas que hoje deixam de aproveitar esses ambientes – que muitas vezes se mantêm economicamente com um público-base, e deixam de lucrar ao excluir tantos possíveis clientes.

Um dos fatores que ajudam a consolidar a noção de que os portadores de deficiências são um público consumidor como qualquer outro é a percepção de que os recursos acessíveis não representam melhorias apenas para os deficientes. Segundo Jeniffer Cuty, professora do Departamento de Ciências da Informação da Fabico e uma das coordenadoras do Senaac, “se um espaço for acessível, com recursos amplos, todos vão poder participar de forma autônoma de tudo”. Para ela, a ideia é criar a cultura de independência e de interação entre as pessoas, para que se perceba que muitos desses recursos proporcionam uma fruição mais completa também para quem não tem deficiências. “Eles são pensados para pessoas com deficiência, mas são recursos que melhoram a comunicação para todos”, complementa Eduardo. Ele cita como exemplo a audiodescrição, que, para quem enxerga, ajuda a perceber elementos visuais que costumam passar despercebidos, aumentando a capacidade de fruição em espetáculos com esse recurso.

Problemas e soluções diferentes Atender às demandas do público não é tarefa fácil, e no caso dos portadores de deficiência a diversidade de necessidades para alcançar a acessibilidade plena nem sempre é reconhecida. Alguns recursos de acessibilidade ideais para uns podem ser inúteis ou até mesmo representar uma dificuldade a mais para outros. É o caso de Mariana, que tem baixa visão (cerca de 10%) e enxerga melhor em ambientes claros, mas descobriu que outras pessoas com a mesma deficiência preferem ambientes escuros devido à sensibilidade à luz.

A falta de informação é um dos maiores obstáculos. Mariana observa que poucos sabem o que é baixa visão, e que essa condição raramente é levada em conta. “Existem muito mais pessoas com baixa visão do que realmente cegas, mas elas não são percebidas. Se tu não usas bengala, nem tem nada aparente no olho, não notam que tu tens a deficiência”.

Um recurso para cegos não necessariamente ajuda quem tem baixa visão. Mariana acha que a generalização

ocorre porque esse é um conceito de difícil compreensão por quem não tem deficiência. “A cegueira é mais fácil de os outros entenderem, então, quando se pensa em acessibilidade para deficientes visuais, é sempre braile.” Entretanto, não há motivo para alguém que consegue ler com fontes ampliadas usar o braile, sistema que ela considera muito difícil de aprender: “Tem que treinar bastante para não perder a prática, desenvolver sensibilidade nos dedos para ter leitura rápida. Se usasse sempre, leria melhor, mas não é algo de que eu tenha necessidade”.

Paula Pfeifer tem deficiência auditiva neurossensorial bilateral severa. Ela não ouve sem aparelho, mas se comunica oralmente como qualquer indivíduo que ouça, o que a caracteriza como ‘surda oralizada’. “Com aparelho auditivo eu escuto, mas preciso de total apoio da leitura labial para entender o que me é dito.” Os surdos oralizados não utilizam a Língua de Sinais – recurso adotado para propiciar acessibilidade a deficientes auditivos –, dependendo da leitura labial, menos difundida. Paula deixa

de ir a certos lugares: “Não vou passar perrengue na tentativa de me divertir”. Ela conta que não gosta de ir ao teatro, “faltam legendas e hearing loop [dispositivo que permite a transmissão do som amplificado com diferentes volumes, conforme a necessidade dos deficientes auditivos] em cinemas e teatros. Além disso, nas bilheterias, os funcionários não articulam os lábios direito”.

Para os especialistas, a acessibilidade tem que deixar de ser encarada como algo à parte no planejamento dos projetos culturais, “tem que se pensar desde a primeira ideia do projeto, prever no orçamento, em todas as etapas”, afirma Jeniffer Cuty. Na opinião de Mariana, a expressão “espaço adaptado” revela o problema: se precisa haver adaptação, significa que houve erro no planejamento. “É complicado, tem que se pensar as coisas desde o início, mas parece que elas foram concebidas erradas, e agora está se remediando”, critica.

Bibiana Guaraldi, estudante do 7.º semestre de Jornalismo da Fabico

No cinema, dificuldades para todos

Um exemplo claro do que acontece quando a acessibilidade é tomada como questão secundária são os cinemas, nos quais é possível perceber problemas para portadores de diferentes deficiências. Por lei, são reservados lugares para usuários de cadeiras de rodas nesses espaços – regra cumprida, mas que não representa acessibilidade total. Os lugares reservados aos cadeirantes geralmente são nas primeiras fileiras, quase colados à tela, com péssima visibilidade. Quem caminha, sobe para o fundo, mas os cadeirantes têm que ficar ali, com o pescoço virado pra cima para conseguir enxergar. Alguns cinemas oferecem cadeiras na frente para os acompanhantes, caso contrário, isolam quem tem dificuldades de locomoção do resto dos espectadores.

Se as salas tivessem sido planejadas para acolher a todos, as opções para cadeirantes estariam espalhadas pelo cinema todo, para que houvesse a possibilidade de escolha do assento. Nas condições atuais, para adaptar a sala, o espaço entre as cadeiras teria de ser aumentado, o que diminuiria a capacidade do cinema, gerando menos

lucro. Segundo o professor da Faculdade de Arquitetura Eduardo Cardoso, “se os recursos acessíveis são pensados nos custos dos projetos, não é nada demais. Mas acontece de não se conseguir planejar junto as coisas, e daí falta orçamento. Quando se vai colocar no final, vira um adendo, parece mais caro”.

Para a deficiente auditiva Paula Pfeifer, o problema está na variedade das programações. Em alguns cinemas, são exibidos muito mais filmes dublados do que legendados – “aí nem adianta ir, pois não vou entender nada”. Ainda que não seja o ideal, a legenda costuma ser a melhor solução. No caso das produções nacionais, a falta desse recurso torna impossível para quem não ouve assisti-las. Esses obstáculos afastam os deficientes auditivos das salas de cinema e teatro, “ainda mais porque essa deficiência tem a ver com comunicação, e ficar sentada por horas em um cinema ou teatro sem entender nada do que é dito não é nem um pouco agradável”, argumenta Paula.

Nas salas de cinema comerciais não há sessões com audiodescrição, o que exclui também os deficientes visuais.

Como forma de “amenizar” o problema, há a política, não legislada, de conceder meia-entrada a deficientes. “Se é para pagar meia-entrada e não aproveitar nada, não tem por que pagar – eu prefiro pagar o ingresso inteiro e ter o acesso adequado. Ficaria orgulhosa de ir a um cinema com recursos. Se tiver audiodescrição, vou ter o maior prazer em pagar a entrada”, afirma Mariana Baierle, portadora de baixa visão. Segundo ela, o acesso ao cinema está deixando de ser algo impossível graças à audiodescrição; entretanto, ainda não há entre os deficientes visuais o hábito de ir ao cinema. “Antes, eles nunca iam assistir a um filme porque não tinham acesso. Agora, mesmo com a audiodescrição, ainda não há no público o hábito de ir ao cinema ou ao teatro com esse recurso, porque eles não estão acostumados a sair de casa pra frequentar esses espaços. No momento em que passarem a ser acessíveis, as pessoas começarão a criar o hábito de ir, mas estamos ainda num processo de formação de público. Cada vez mais pessoas percebem as potencialidades da audiodescrição, e isso é maravilhoso.”



UFRGS estreia ópera

Superprodução Montagem de Dido e Eneas pelo Instituto de Artes terá apenas quatro apresentações

Samantha Klein

Os lamentos da rainha de Cartago serão encenados pela primeira vez pelo Instituto de Artes da UFRGS como uma ópera completa. A história do amor de Dido e Eneas foi apresentada no ano passado sob a forma de concerto, mas como recital, nos moldes do original de Henry Purcell e Nahum Tate, é uma estreia.

A encenação barroca será apresentada em três atos que remontam desde a chegada do príncipe troiano Eneas a Cartago, em busca de um lugar para fundar uma nova cidade depois do saque grego a Troia; o pedido de casamento dele à rainha Dido; e o abandono da amada, até o desfecho trágico. A diretora do espetáculo e professora do Instituto de Artes da UFRGS, Lúcia Carpena, conta que a música será executada conforme o autor a escreveu no século XVII, enquanto a cenografia vai ser uma releitura moderna. “A parte musical será realizada com práticas interpretativas historicamente orientadas, de acordo com o original. Mas a concepção da cena, da luz e do figurino é contemporânea”, destaca.

Outro aspecto importante desse que pretende se tornar um projeto anual, o Ópera na UFRGS, é a reunião de três setores que por muito tempo estiveram separados dentro do mesmo prédio. Os Departamentos de Música, de Artes Dramáticas e de Artes Visuais deixaram as diferenças de lado para

aliar forças e realizar o espetáculo que acontecerá nos dias 30 de junho e 1.º de julho no Auditorium Tasso Corrêa. “A ópera era a possibilidade de unir os setores, e o espetáculo foi a forma prática dessa ideia. Além disso, chegamos ao consenso de que o melhor lugar para realizar uma ópera é na nossa casa mesmo. Vamos mostrar para a comunidade o que é realizado aqui e que artistas estamos formando”, diz o diretor do Instituto de Artes, Alfredo Nicolaiewsky, acrescentando que não é um objetivo expresso buscar outros teatros para os recitais, embora a organização já tenha recebido dois convites.

Por outro lado, mais que mostrar uma encenação dentro do próprio Instituto de Artes, “Dido e Eneas” é um salto para promover um projeto acadêmico de ensino da música aliado à encenação. “É uma espécie de gigantesco laboratório para que os nossos alunos aprendam a fazer ópera. Eles geralmente saem daqui sem essa formação, o que certamente faz diferença no mercado de trabalho. Isso é muito relevante porque em todas as boas escolas do mundo há projetos de realização de récitas desse porte”, ressalta Lúcia Carpena.

Esforço – Mas os desafios são quase comparáveis à dor da Rainha de Cartago. O espetáculo, que envolve 60 pessoas, entre atores, bailarinos, cantores e professores, terá somente dois dias de apresentação em razão da dificuldade de manter por um longo período uma equipe qualificada que ensaia três vezes por semana desde março. “Além da pouca disponibilidade do espaço, que é extremamente disputado, os cantores e músicos fazem diversos outros trabalhos, e não posso exigir deles uma temporada de um mês sem o cachê praticado no mercado”, lembra a diretora.

Já a preparação corporal é identificada como o maior desafio na concepção da professora do departamento de Arte Dramática Camila Bauer.

“Imagina trabalhar a movimentação de cantores que não são acostumados a atuar ao mesmo tempo em que cantam. Por outro lado, atores e solistas estão se saindo muito bem, já que há um empenho enorme de todo o elenco. Certamente, faremos uma bela apresentação”, destaca a responsável pela dramaturgia da ópera.

Nos ensaios, a afinação entre atores, cantores e orquestra é perceptível através da emoção que os personagens transmitem. A cantora lírica que interpreta Dido, Cynthia Barcelos, conta que o trabalho de meses é árduo, mas divertido, já que a equipe está bastante afinada. “Estamos fazendo a

Incentivo – A montagem de uma ópera em uma das maiores escolas de formação de músicos, artistas plásticos e atores do Rio Grande do Sul também é um retrato da falta de incentivo para a apresentação desse tipo de espetáculo que, em geral, custa em torno de R\$ 500 mil, quando voltado para o mercado. “Não entendo por que não há mais óperas, se quando chega algum espetáculo no Teatro da PUCRS, por exemplo, as salas lotam. Em Manaus, há muito mais apresentações do que aqui e não dão prejuízo”, ressalta Nicolaiewsky.

O custo elevado pode ser uma resposta plausível, mas a ausência de políticas públicas também explica, segundo Carpena. “Desde que o mundo é mundo, fazer ópera sai caro, dá prejuízo. São muitos artistas que levam muito tempo ensaiando. Agora, no Rio Grande do Sul, falta incentivo. Em Manaus acontece porque o governo investe, as pessoas adoram e os teatros lotam. Podemos comparar ao valor dos custos de uma produção para o cinema, mas com o diferencial do alcance. Ópera é ao vivo, já o DVD chega a qualquer lugar infinitamente mais rápido. Se a gente vai conseguir fazer com cerca de R\$ 60 mil, imagina se o estado não pode fazer?”, critica. Os dados da destinação de menos de 1% do orçamento dos cofres públicos para a cultura no RS em 2007, segundo levantamento da Confederação Nacional de Municípios, corroboram a crítica da professora.

Por outro lado, o objetivo do recital é plantar as bases para futuras produções, segundo o professor de Artes Visuais do IA Paulo Gomes, que se responsabilizou por planejar um *making off* da montagem e das entrevistas com os participantes. “Temos o maior interesse em documentar porque a ópera envolve os três departamentos pela primeira vez e servirá de subsídio para os próximos espetáculos, além de ser uma forma de divulgar e um incentivo para que os cantores escrevam novas óperas”, ressalta Gomes.

O recital deve plantar as bases para futuras produções e incentivar novos autores

preparação antes e durante para que o conjunto seja harmônico. E não tem sido difícil porque há um clima de cooperação que orienta a montagem”, revela a profissional, que já conhecia bem o repertório da tragédia de Purcell.

Por outro lado, o cenário será enxuto e dará destaque aos elementos cênicos, como a representação de uma árvore, em vez de um painel inteiro no palco, assim como a utilização das variações da luz na composição plástica. “Temos o problema do tamanho do espaço, da inexperiência de todo mundo, do dinheiro contado. Mas que bom!, acho ótimo trabalhar assim, porque, quando tivermos muito recurso, imagina como será!”, comemora o diretor do Instituto.

Dido e Eneas

A ópera foi escrita no final do século XVII e tem elementos da mitologia romana e grega. A história conta a chegada de Eneas a Cartago depois que a Grécia tomou a cidade de Troia durante a lendária guerra entre gregos e troianos. O príncipe, então, parte em jornada para encontrar uma nova terra para estabelecer um território para seu povo. Ele e seus súditos chegam aos domínios da Rainha Dido, na costa da África, e lá aportam. Os dois se apaixonam e estão prestes a se casar quando Júpiter vê a situação e manda o mensageiro Mercúrio lembrá-lo de sua missão, ordenando-lhe que parta imediatamente. Depois de ter sido abandonada pelo príncipe, Dido entrega-se à morte em uma das mais belas composições do Barroco.

A primeira apresentação ocorreu em Londres, no ano de 1688, e desde então permanece sendo encenada mundo afora. O texto é baseado na obra de Virgílio, o épico Eneida.

Já o compositor Henry Purcell, apesar da vida breve, 1659-1695, foi popular pela vasta produção de música cênica e odes cortesãs. Além de Dido e Eneas, escreveu *The Fairy Queen*, uma semiópera baseada em *Um Sonho de Verão*, e *A Tempestade*, ambas de Shakespeare. Nahum Tate (1652-1715), poeta, adaptou a ária a um libreto.

Agende-se

Récitas: 30 de junho (sábado) e 1.º de julho (domingo), às 17h30 e às 20h

Local: Auditorium Tasso Corrêa (Rua Senhor dos Passos, 248)

Entrada franca, com retirada antecipada de senhas no local



Cynthia Barcelos (no palco), intérprete de Dido, durante ensaio com Lúcia Carpena (à direita) e o grupo de Música Antiga da UFRGS



Quando estudar ficou diferente

Graduação
Expansão
universitária e
oportunidades no
exterior mudaram
a perspectiva dos
estudantes

Everton Cardoso

O nono texto da série comemorativa aos 15 anos do JU aborda as principais modificações ocorridas no ensino de graduação da Universidade.

Estudar na graduação da UFRGS até o fim dos anos 1990 era uma experiência completamente diferente da atual. Naquele tempo, o acesso à universidade pública era menos facilitado: havia um número menor de cursos e de vagas, e os horários diurnos dificultavam a permanência de alunos que precisassem trabalhar. Foi a partir de 2008 que esse cenário começou a se alterar. Com o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni) estabelecido pelo MEC, as instituições federais de ensino superior ganharam nova forma.

Acesso melhorado – Na UFRGS foram criados 15 novos cursos que, de acordo com a pró-reitora de Graduação da Universidade, Valquíria Bassani, tentaram atender a diferentes tipos de demandas da sociedade sul-rio-grandense: formar profissionais para o setor público – como são os casos de Políticas Públicas, Serviço Social e Análise de Políticas e Sistemas de Saúde – e para áreas como a da saúde – Fisioterapia e Fonoaudiologia – e a das engenharias de ponta – de Controle e Automação, de Energia, de Recursos Hídricos, Física.

A esses, somam-se graduações em Museologia, História da Arte, Dança, Zootecnia e Biotecnologia. No total, foram oferecidas 565 novas vagas. O Reuni também possibilitou um incremento de outras 513 vagas para cursos que já eram oferecidos pela UFRGS. No vestibular realizado em 2012, o número total de ofertas foi 5.290. Num comparativo nos últimos dez anos – eram 4.092 em 2002 –, o incremento foi de quase 30%.

Dentro da perspectiva de inclusão, foi implantado em 2008 o programa de cotas sociais e raciais. Além disso, outras ações foram adotadas para assegurar o ingresso e a permanência de mais estudantes – objetivos centrais estabelecidos pelo MEC para o Reuni. De acordo com a Técnica em Assuntos Educacionais (TAE) do Departamento de Programas Acadêmicos do Prograd Michele Doeber, muitos dos programas criados inicialmente para os alunos ingressantes por meio das cotas



Cena da peça *The sound of the musicals* encenada pelos alunos do Drama Club em 2011.

para egressos de escolas públicas e autodeclarados negros acabaram sendo ampliados para todos os estudantes. Esse foi o caso do Programa de Apoio à Graduação (PAG).

Uma mãozinha – Em seu primeiro ano, 2010, o PAG mapeou e reuniu projetos de pesquisa de professores sobre evasão e retenção nos cursos da UFRGS. Outra ação voltada diretamente à permanência dos estudantes foi o oferecimento de aulas de reforço em áreas nas quais historicamente há altos índices de reprovação ou de desistências. Nara Magalhães, TAE envolvida nesse projeto, destaca o fato de as aulas serem oferecidas aos sábados. “Assim, o estudante trabalhador pode ter um apoio em seus estudos e, também, uma melhoria em sua formação”, observa.

Mas as ações do Programa não se restringem aos alunos: “Ele é voltado tanto para a melhoria dos processos de aprendizagem quanto para a reflexão docente sobre as metodologias aplicadas”, pontua. É por isso que a próxima fase do projeto, iniciada em 2012, irá promover a análise de práticas pedagógicas inovadoras desenvolvidas pelos professores da Universidade.

Conhecidas como PAG-Reforço, as aulas de línguas portuguesa e inglesa, cálculo, física e química ganharam a adesão de uma média de 40 alunos por área em cada semestre, apesar de o número de inscritos muitas vezes extrapolar uma centena. “Ninguém

passa em Cálculo I na primeira vez”, reza a lenda. Para reverter esse quadro, as aulas do PAG cálculo organizam-se a partir da resolução de problemas e tentam aproximar alunos, professores e monitores envolvidos, segundo a professora coordenadora da área, Liana Nacul. “O estudante defronta-se com a transição do ensino médio para o ensino superior e lhe é cobrada uma maior autonomia e autocrítica em relação ao

Em dez anos, a UFRGS teve um aumento de quase 30% nas vagas da graduação

estudo”, explica. O resultado é exposto pela estudante Taíse Goulart: “Frequentei as aulas do PAG levantando cedo aos sábados de manhã e não me arrependo, pois com muito esforço obtive minha aprovação na disciplina de Cálculo sem ter repetido nenhuma vez”.

No mesmo sentido, o e-mail enviado por uma aluna ao coordenador da área de química, José Gregório, ilustra o resultado desse processo: “O PAG é o lugar onde fazemos todas as perguntas que temos vergonha de fazer em aula”,

confessava a acadêmica. No PAG de língua inglesa, há inclusive uma oficina que alia a dramatização ao aprendizado da língua estrangeira. De acordo com o professor da atividade, Valter Fritsch, o *Drama Club* foi pensado para o aperfeiçoamento de alunos de Letras com conhecimentos avançados de inglês. Mas, devido à procura, foi ampliado para estudantes de outros cursos. Atualmente, entre 25 e 30 acadêmicos participam das oficinas, ensaios e apresentações de peças, tudo isso sem nenhuma palavra em português.

Atenção aos estudantes – A expansão proposta pelo Reuni trouxe à Universidade reflexos inclusive na organização das Comissões de Graduação. Michelle Selister e Rita Bueno, técnicas que atuam na Comgrad do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – responsável pelos cursos de Filosofia, Ciências Sociais, História e o recém-criado Políticas Públicas –, têm-se esforçado para mudar o foco do atendimento a demandas burocráticas, como as matrículas, para uma abordagem pedagógica mais ampla. Elas orientam os estudantes no que diz respeito a suas carreiras e também em relação aos serviços oferecidos pela UFRGS. “Hoje, o aluno vê a Comgrad como um espaço em que ele pode chegar para procurar auxílio”, relata Michelle. Diariamente, as técnicas recebem em torno de quinze e-mails e fazem cerca de dez atendimentos pessoais.

Em escala mundial – Nos últimos anos, a graduação também extrapolou os limites dos câmpus. Hoje, é possível fazer parte dos estudos em outras universidades brasileiras e mesmo no exterior. Em 2011, 239 graduandos aproveitaram a oportunidade de ter uma experiência fora do país, como foi o caso da estudante de História Renata Johann. Mesmo tendo recebido inicialmente resposta negativa para uma vaga a que se candidatara em Montevideu, não desistiu de sua intenção de estudar no exterior. A mudança de planos viria uma semana depois, por meio de um e-mail da Secretaria de Relações Internacionais (Relinter), oferecendo-lhe uma vaga em Santa Fé, na Argentina. Ela aceitou prontamente: “Meu objetivo não era o lugar em si, mas a experiência de vivenciar outra cultura”.

O processo seletivo foi relativamente burocrático, mas nem isso representou um obstáculo para a estudante. “Precisei fazer passaporte, preencher formulários, decidir um plano de matérias a serem cursadas e pedir aprovação do departamento na UFRGS.” Durante sua permanência na Argentina, Renata fez amizades e até já viajou ao Uruguai para visitar amigos que fizera.

Como avalia a secretária de Relações Institucionais e Internacionais da UFRGS, Liane Hentschke, essa é uma possibilidade de o estudante formar redes de relações acadêmicas e profissionais em âmbito mundial e ampliar sua visão de mundo.

Dois pontos

► Concordando ou discordando – com concordância

Produtores de teses e dissertações, em especial, alerta para problemas de concordância frequentes em nosso idioma, por mais (ou menos) óbvios. Eles se tornam gritantes especialmente quando encontrados no texto escrito – já que à fala, em geral, se concede mais, em termos de desvios da quase fictícia ‘língua-padrão’.

1 – Um desses casos é o do verbo, complemento, aposto ou oração dependente colocados, reparem!, **antes do sujeito**.

Serão realizados hoje **os torneios**. (e não será realizado) (loc. verbal) (sujeito)

Viu como era feita (e não como era feito) **a pesquisa**. / Está marcada (e não marcado) para o dia 22 **uma grande manifestação**. / **Chegam a ser irritantes** (e não chega nem irritante) **os constantes erros**. / **Errados, errados mesmo** (e não errado, errado mesmo) são **os termos**. / **Só tinham** (e não tinha) a publicidade oficial **as emissoras**.

2 – Núcleo do sujeito **distante do verbo**.

Os **preparativos** para a criação do novo bairro já **estavam** praticamente **concluídos** (e não já estava... **concluída**).

As **execuções determinadas por grupos clandestinos de direita**, na década de 70, **eram** (e não era) uma verdade incontestável.

3 – O **que** exige o verbo no singular e no masculino: **O que se ouvia eram frases indignadas** (e nunca o **que se ouviam**...). / **O que não é admitido é a internação** (e não o **que não é admitida**).

► Etimologia

Academia é uma palavra originada do grego *akadēmía*, pelo latim *academia*. Sobre a origem: num jardim de oliveiras e plátanos a oeste de Atenas, possuído em remotos tempos pelo herói ateniense Academo, Platão vinha explicar suas doutrinas aos discípulos. Para os gregos, o vocábulo significava apenas ‘escola platônica’. A partir do séc. XIV, o nome se generalizou para todas as sociedades organizadas de sábios, poetas e artistas. No séc. XVII, passou a designar ‘estabelecimento de ensino superior’.



Antônio Falcetta, revisor
antonio.falcetta@secom.ufrgs.br



Mônica Dantas, coordenadora do curso de Dança, conversou com os estudantes

Todos vêm à UFRGS

Portas Abertas Dia cheio de atividades mobiliza servidores e docentes, atraindo milhares de jovens

Everton Cardoso

Por que, afinal de contas, as pessoas vêm à UFRGS? As respostas imediatas, obviamente, seriam *para trabalhar e para estudar*. Haveria ainda quem respondesse que vem para assistir a algum espetáculo ou filme na sala de cinema e nos espaços de teatro, e ainda quem viesse para comer em algum dos restaurantes ou, quem sabe, encontrar algum amigo. Mas, uma vez por ano, os câmpus da UFRGS se abrem para receber a comunidade externa com propósitos que fogem a essas razões mais rotineiras: permitir que as pessoas conheçam os projetos desenvolvidos na Universidade e, de alguma forma, auxiliar os futuros vestibulandos e alunos a entenderem melhor que opções de carreiras são oferecidas e como os cursos de graduação são organizados. Chamado de Portas Abertas, o evento atrai tanto moradores da capital e de arredores como grupos que vêm do interior do estado para participar. Assim foi no dia 12 de maio, quando aconteceu a edição 2012 do projeto.

Para ver como é – Naquela manhã fria de sábado, uns após os outros, ônibus chegaram de diversos locais do RS para trazer grupos que visitariam o Câmpus Olímpico da UFRGS. De acordo com o coordenador das atividades lá organizadas, Alex Fagundes, houve participação de turmas vindas de cidades como Caxias do Sul, Bento Gonçalves e Nova Petrópolis. No total, passaram pelo local cerca de 500 pessoas entre alunos de ensino médio, usuários dos programas de extensão e comunidade em geral. No câmpus onde se desenvolvem os cursos de Educação Física, Fisioterapia e Dança, diversas foram as atividades que pretendiam mostrar como as coisas normalmente

acontecem: no Laboratório de Pesquisa do Exercício (Lapex), por exemplo, os visitantes viram simulações e equipamentos de testes; já na Clínica de Fisioterapia, participaram de vivências em diversos aparelhos e equipamentos para reabilitação física.

Foi no meio da programação que Paola Schommer Benevenuto conseguiu conhecer um pouco mais do curso que pretende seguir na universidade: Fisioterapia. Atleta há nove anos em sua cidade natal, Nova Petrópolis, a estudante participa de um time de vôlei local. “Já jogamos até contra a Sogipa”, faz questão de enfatizar. “Me lesionei

Cerca de 500 pessoas conheceram os cursos do Câmpus Olímpico

quatro vezes e, em todas elas, precisei de um tratamento com fisioterapeuta”, relata. A frequência com que se tem machucado inclusive fez com que surgisse uma amizade mais próxima com a profissional que a atendeu. E mais: Paola encarna o espírito da profissão. “Faço massagens nas minhas amigas do time quando elas se machucam ou sentem alguma dor”, conta. Na visita ao Lapex, Paola foi a mais desinibida entre os estudantes que estavam por lá no momento em que eram apresentados os equipamentos. Sem titubear, foi à esteira usada para fazer avaliações físicas em atletas e, enquanto a monitora Renata Krüger explicava como era

usado o equipamento, Paola aguentou o ritmo que lhe era imposto: a velocidade aumentou e, pouco a pouco, a esteira foi-se inclinando. “O exame é realizado até que a pessoa não aguarde mais. É para ver o nível de resistência, em que momento chega à exaustão”, disse Renata, ao que todos reagiram rindo. Logo depois, os estudantes foram convidados a entrar na câmara ambiental, uma sala termicamente controlada onde atletas praticam esportes para testar sua resistência em diferentes condições climáticas. Quando a porta foi fechada para que eles experimentassem a mesma sensação que os atletas, a reação foi uma mescla de surpresa com um pouco de medo, afinal estavam trancados no que parecia uma câmara frigorífica.

Resultados positivos – Na avaliação de Alex Fagundes, a edição deste ano do Portas Abertas teve resultados positivos. “Procuramos fazer um pouco diferente das demais edições. Tentamos envolver professores com projetos de extensão para mostrar aos visitantes algumas produções realizadas aqui, além daquelas relacionadas aos currículos dos cursos.” Assim foi no Centro Natatório. O coordenador, professor Alberto Bischoff, convocou os bolsistas participantes de projetos de extensão para coordenarem atividades durante o dia. Da mesma forma, os alunos dos projetos também compareceram. Havia nadadores iniciantes e mais avançados, crianças, mães e bebês, e um grupo de pessoas fazendo jogging aquático – modalidade em que as pessoas “correm” ou “caminham” na água. “Desta maneira, proporcionamos um envolvimento da comunidade usuária de nossos programas de extensão”, avalia Alex. Segundo o coordenador, essa nova proposta deve ser repetida em 2013. “Teremos mais projetos, setores e exposições”, anuncia.

Cardápio variado

No Câmpus do Vale, o Portas Abertas também atraiu bastante gente. O coordenador das atividades no Instituto de Física (IF), Walberto Chuvas, estima que cerca de 1.800 pessoas passaram por lá – cifra que supera as de anos anteriores. Especificamente no IF, há algum tempo a organização tem sido diferente: “Deixou de ser um dia em que o Instituto fica aberto e se tornou um dia para a comunidade do IF. Tem até almoço e sorteio de brindes”, explica. Neste ano, estiveram envolvidos 61 alunos de graduação, 14 pós-graduandos, 14 servidores, 24 professores e alguns dos profissionais terceirizados para limpeza. Doze laboratórios abriram suas portas para que os visitantes pudessem interagir com a comunidade universitária em seu ambiente de trabalho. Ao ser questionado sobre os principais resultados, Walberto diz: “Há muito envolvimento e troca de experiências entre a comunidade do IF, proporcionando um momento diferente do trabalho cotidiano”. A professora da UFRGS Maria Teresinha Xavier Silva, conhecida como Tekka, foi uma das que organizou atividades com um grupo de alunos seus. “Como educadora, acho importante porque os coloco em contato com o público leigo. Eles são obrigados a explicar fenômenos como mecânica, rotações, calor e eletromagnetismo de uma maneira inteligível”, analisa.

Igualmente no Câmpus do Vale, o Instituto de Química organizou uma programação que envolveu 20 pessoas, entre técnicos, docentes e estudantes. Durante o dia, nos laboratórios de química inorgânica, orgânica e físico-química, foram desenvolvidos experimentos demonstrativos. “Alguns foram até realizados pelos próprios visitantes”, destaca a professora Márcia Martinelli, que coordenou as atividades por lá. Algumas das demonstrações foram repetidas seis vezes para poder atender aos quase 200 visitantes. De acordo com a organizadora do Portas Abertas no IQ,

o número de visitantes tem aumentado graças ao trabalho de divulgação direta de quem participou em anos anteriores.

No Câmpus Saúde, também houve programação diversa. Na Faculdade de Odontologia – que atualmente abriga o curso de Fonoaudiologia –, seis professores, cinco técnicos e 23 alunos mobilizaram-se para receber um total de 345 pessoas, sendo parte delas integrantes de grupos de 45 escolas. Pelas contas do vice-diretor da faculdade, Regis dos Santos, e da coordenadora do núcleo administrativo, Lorena Fontoura, as visitas aos laboratórios e ambulatórios foi o que mais atraiu os visitantes. Nesses locais, os acadêmicos demonstraram o trabalho desenvolvido ali, como a confecção de próteses, o atendimento a pacientes e avaliações audiométricas. No mesmo câmpus, a Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação (Fabico) organizou um conjunto de atividades que incluiu visitas aos estúdios de rádio e televisão e ao laboratório de fotografia. Durante o dia, de acordo com a professora Karla Müller, coordenadora da Agência Experimental de Relações Públicas, passaram por lá 500 pessoas. O destaque foi a reedição do programa de rádio *Conversa de Jornalista*, levado ao ar ao vivo pela Rádio da Universidade.

Já no Câmpus Centro, as mostras de trabalhos e maquetes feitos por alunos de Arquitetura e Design estiveram entre as atrações que mais atraíram o público. Foram cerca de 1.200 visitantes na Faculdade, conforme o professor Airtton Cattani, coordenador do Portas Abertas na unidade. Na Escola de Engenharia, o laboratório de robótica foi a principal atração. Segundo a técnica em assuntos educacionais da Comgrad de Engenharia Letícia Fernandes, a escola recebeu três mil visitantes. “Foi um dia de trabalho pesado, mas que valeu a pena. É importante poder apresentar a Universidade e suas oportunidades aos futuros alunos”, avalia.

Especial

Engenharia da saúde

TEXTO SAMANTHA KLEIN FOTOS FLÁVIO DUTRA



Nas cirurgias realizadas em dois hospitais da Santa Casa de Porto Alegre, todo o trabalho dos cirurgiões é acompanhado por um sistema de transmissão de som e imagem em tempo real

Tecnologia Os projetos da Universidade que promoveram a melhoria dos procedimentos médicos

Residente em cirurgia no complexo hospitalar Santa Casa de Porto Alegre, Ana Carolina Geist, começou há poucos meses a realizar operações com o auxílio de câmeras e do professor que fica do lado de fora da sala de cirurgia! E garante que o atendimento em nada fica comprometido. Ao contrário, a orientação é tão precisa como se o preceptor (médico-professor) estivesse ao lado da aluna, assim como mais rápida é a recuperação do paciente submetido à videocirurgia. Ainda pensando na precisão dos procedimentos em saúde, o que pode ser feito para garantir a qualidade de próteses que são implantadas no corpo, evitando a rejeição e problemas futuros? Ou, ainda, como um anestésico pode ser mais eficiente? Tudo isso já é realidade e sinônimo de economia, fomento industrial e conhecimento que ultrapassa as portas da universidade.

Cirurgia na tela – As cirurgias video-assistidas ganharam popularidade com a utilização de microcâmeras no interior do corpo do paciente no final dos anos 80 na Europa. O marco que revolucionou a técnica foi uma colecistectomia, realizada em 1987 com a retirada da vesícula biliar de um paciente em um hospital francês. O procedimento serviu de parâmetro para todo o mundo, já que naquele momento não era comum a realização da técnica com o auxílio de imagens de vídeo. No início dos anos 90, a tecnologia foi introduzida no Brasil e vem ganhando cada vez mais espaço nos grandes hospitais gaúchos.

Entre as unidades de saúde que estão equipadas com aparelhos modernos para realizar os procedimentos videolaparoscópicos, o Hospital Santa Clara é a mais recente. Graças a uma parceria entre o Ministério da Ciência e Tecnologia,

a Santa Casa de Porto Alegre e a UFRGS, tecnologias nacionais estão sendo incentivadas e a uma sala de videocirurgia foi inaugurada em abril.

O Instituto de Informática da Universidade, através do PRUV (Projetos em Áudio e Vídeo), desenvolveu o software Medview, que transmite em tempo real as imagens de uma cirurgia interna para telas de 42 polegadas em uma sala adjunta ao bloco cirúrgico. Dessa forma, a tecnologia permite que mais alunos e profissionais acompanhem o procedimento. “O preceptor pode orientar os residentes durante o ato cirúrgico, mes-

O software do Instituto de Informática transmite em tempo real as imagens de uma cirurgia para telas de alta definição

mo que esteja do lado de fora do bloco, e mais estudantes podem acompanhar o procedimento graças a esse aparato. Onde não temos essa tecnologia, isso não é possível porque, quanto mais gente por perto, maior é o risco de contaminação do paciente”, destaca o diretor do hospital Santa Clara, Roberto Pelegrini Coral.

Ele acrescenta que a relativa popularização desse tipo de cirurgia – no caso do Hospital Santa Clara, entre 60

a 70% dos usos da sala serão para os pacientes atendidos pelo SUS – permitirá que um número maior de usuários seja beneficiado com uma recuperação mais rápida no pós-cirúrgico. “Temos a cirurgia aberta tradicional e a por vídeo, na qual são realizados pequenos cortes na parede abdominal e o paciente vai se recuperar muito mais rápido por serem procedimentos menos invasivos. Se na cirurgia tradicional ele levaria três semanas, com a videocirurgia esse tempo pode reduzir para apenas uma semana”, explica o médico.

Mas também existe a possibilidade de acompanhar de fora do hospital. Os pesquisadores do PRUV ainda desenvolveram o aplicativo MConf para celular, em que o professor pode acompanhar a cirurgia de qualquer lugar do mundo. Para isso, basta ter permissão para acessar os dados. O aplicativo abre precedente para o treinamento de profissionais em hospitais localizados em cidades menores, sem a necessidade de recorrer a grandes instituições para acompanhar os procedimentos cirúrgicos. “É da política do hospital querer liberar ou não o acesso às imagens. Nós oferecemos o modo para fazer isso. Por exemplo, se há um especialista parceiro que estiver nos Estados Unidos ou em Osório, a visualização de imagens e o áudio podem ser autorizados para um debate de caso”, comenta Valter Roesler, coordenador do laboratório de informática da UFRGS.

Economia em full HD – A sala montada em parceria com o Instituto de Informática da Universidade não é a primeira com a tecnologia no complexo hospitalar da Santa Casa, porém custou menos da metade do valor de uma sala similar instalada no Hospital São Francisco. Enquanto a pioneira, que tem equipamentos importados, consumiu cerca de R\$ 1,2 milhão, foram utilizados recursos no montante de R\$

500 mil entre o desenvolvimento do software para transmissão de imagens e a montagem da sala com equipamentos fabricados pela empresa paranaense BK. “Hoje, os hospitais contam com aparelhos importados pelos quais se paga muito caro. Além da economia de recursos, é uma tecnologia que fomenta a produção no país e o crescimento das empresas nacionais”, comenta Roesler, entusiasmado com a ideia de que, se o projeto crescer, será possível exportar a tecnologia desenvolvida no Instituto de Informática.

Os equipamentos de vídeo têm a qualidade das imagens em alta resolução, o que torna os procedimentos ainda mais precisos. Além da redução das chances de um erro no ato médico, a residente Ana Carolina acredita que o aprendizado se torna mais eficiente. “A gente tem acesso a toda tecnologia com uma imagem mais real e ainda podemos colocar os fones de ouvido para conversar com os preceptores que estão na sala de suporte”, comenta a médica formada pela Universidade Católica de Pelotas.

No entanto, conforme se espera no campo da informática e da tecnologia, o sistema já está sendo modificado. O projeto segue até o final de 2013, e a tendência é implantar a tecnologia em uma sala de videocirurgia a ser montada no Hospital Parque Belém já no próximo semestre, com software aprimorado e câmeras robotizadas com recursos mais avançados.

Em função da configuração dos equipamentos, também foi necessário buscar melhorar e facilitar o sistema. O mestrando do Programa de Computação do Instituto de Informática Guilherme Lazarotto, que colaborou no desenvolvimento do software de transmissão de imagens, diz que a usabilidade será facilitada com os estudos que continuam no projeto para o aperfeiçoamento da tecnologia. “Estamos trabalhando para aprimorar as configurações. São os enfermeiros e técnicos que vão configurar o sistema, então terá que ser mais simples. No começo, damos o suporte, mas não estamos presentes no dia a dia do hospital”, comenta.

Sem marcas

Entre os pacientes que já usufruíram de uma cirurgia videomonitorada, está a bancária Adriana Prauchner. Ela foi submetida ao procedimento de redução do estômago depois de ter tido complicações no quadro de diabetes e hipertensão decorrentes da obesidade severa.

A cirurgia foi realizada no dia 11 de abril e requereu cuidados como cinco dias de internação e 15 dias de recuperação. Mas a volta ao trabalho foi rápida. “Foi fantástico, saí da Santa Casa sem utilizar dreno e sem

dor”, comemora Adriana depois de perder 14 quilos e ter retomado suas atividades sem qualquer problema.

Do procedimento, restam apenas pequenas marcas dos cinco furinhos que foram realizados no abdômen durante a cirurgia, já que não houve corte e poucos pontos foram necessários. “Só tenho pequenas marquinhas vermelhas no local, mas como sempre tive boa cicatrização, o médico me garantiu que vão desaparecer”, resume a bancária, que se diz plenamente satisfeita com a cirurgia.

Além da UFRGS, mais cinco universidades brasileiras já conseguiram obter atestado do órgão de vigilância para realizar análises em próteses

Análise reduz problemas em implantes ortopédicos

O Hospital Cristo Redentor, do Grupo Hospitalar Conceição, é referência em traumatologia no estado e na realização de implantes de próteses. Nesses casos, se destacam as cirurgias de quadril e joelho. Somente entre abril de 2011 e 2012, 134 pacientes passaram pelo procedimento em razão de doenças ósseas ou do rompimento irreversível de ossos, devido a acidentes, principalmente de trânsito. De acordo com a Empresa Pública de Transportes e Circulação (EPTC), levando em conta os dados registrados no trânsito de Porto Alegre, 5.227 motociclistas se envolveram em acidentes e nos três primeiros meses deste ano foram registradas 1.150 ocorrências, sendo que boa parte dos feridos foi encaminhada ao Cristo Redentor.

Porém, o trabalho responsável por devolver os movimentos do corpo a centenas de pacientes todo ano esbarrou, em 2006, em uma avalanche de denúncias relacionadas a defeitos de fábrica em próteses implantadas em cirurgias realizadas no local. O problema levou o Grupo Conceição e a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) a colocar em prática uma força tarefa para vistoriar os produtos adquiridos na unidade de saúde. Na época, o Laboratório

de Metalurgia Física (Lamef) da UFRGS foi acionado para realizar a vistoria dos materiais e encontrar quais eram os produtos inadequados.

O resultado foi que, entre 2006 e 2007, próteses de treze fornecedoras foram analisadas e todas apresentaram defeito. “Em algum requisito, essas empresas não obedeciam às normas da Anvisa, que são baseadas na ABNT ou em especificações internacionais de qualidade”, comenta a doutoranda do laboratório Cíntia Gabriely Zimmer, que participa do projeto de monitoramento das próteses e viu de perto como várias fabricantes tiveram que se enquadrar às normativas para continuar no mercado. Nos testes do Lamef foram encontradas próteses metálicas com problemas quanto aos metais utilizados, no acabamento das peças, assim como problemas de projeto, que resultaram em quebra no corpo dos pacientes.

O caso mais grave, que ficou conhecido no final do ano passado, é o da empresa Equimed, que gerou processos em âmbito federal e teve repercussão internacional. A fabricante de componentes ortopédicos da capital foi denunciada pelo Ministério Público por entregar produtos que tiveram: rejeição pelos pacientes ou dor,

quebra das hastes metálicas, deformações físicas. As outras fornecedoras apresentaram produtos com defeitos menos graves e, na maioria dos casos, involuntariamente, até porque as exigências técnicas da Anvisa aumentaram para a concessão de registro. A partir de então, o controle passou a ser rigoroso e um convênio foi firmado em 2010 entre o Lamef, a Anvisa e o GHC para a realização de análises de próteses de joelho e quadril.

O projeto-piloto vai servir de exemplo para o país: mais cinco laboratórios de grandes universidades já conseguiram obter atestado do órgão de vigilância para realizar testes semelhantes. É nesse sentido que o controle foi responsável pela diminuição dos problemas relacionados a defeitos nas próteses. “A qualidade dos implantes de 2007 para 2011 melhorou muito, principalmente de próteses produzidas no Brasil. Isso é muito importante porque são as fábricas nacionais que geralmente vencem as licitações e fornecem para o GHC. Além disso, as próteses hoje não têm uma diferença de qualidade em relação às importadas”, resume Jamaira Giora, coordenadora do Observatório de Tecnologias da Informação Científica em Saúde do GHC.

Garantia de qualidade

As próteses têm que resistir a uma vida mínima útil e, para verificar tal característica, o Laboratório de Metalurgia Física (Lamef) realiza testes em uma máquina universal de ensaios e em um simulador de desgaste das próteses de quadril. Entre os experimentos realizados, um deles pode ser aplicado a uma haste para o fêmur que deverá resistir a pelo menos cinco milhões de ciclos de fadiga, o que corresponde a aproximadamente cinco anos de utilização pelo corpo humano em ritmo de caminhada. Nas provas, as próteses são submetidas à pressão de 2.300 newtons ou aproximadamente 250 kg, além de testes de flexão. Por outro lado, quando é observado um defeito em um implante, o primeiro passo é utilizar uma amostra do material no microscópio eletrônico de varredura. Nesse equipamento são observadas que falhas comprometem a prótese. “Uma pequena parte do material é retirada nos casos de rompimento, e nesse aparelho podemos identificar que tipo de problema tem os componentes. É a partir dessa análise que se determinará se o implante rompeu por fratura, carga excessiva, mau uso ou por falta de qualidade mesmo”, esclarece o engenheiro Ralf Wellis de Souza, que é um dos coordenadores do Grupo de Engenharia Biomédica do Lamef.

A Rede de Nanotecnologia Farmacêutica instalada na UFRGS vem desenvolvendo diversos produtos no campo das nanopartículas

O que vem por aí na medicina cosmética

Entre os avanços recentes da medicina, a nanotecnologia é uma das áreas mais promissoras e já deixou de ser a tecnologia do futuro. O diferencial da escala nanométrica aplicada à saúde é o tamanho das partículas dos componentes, capaz de permitir que um medicamento ultrapasse barreiras imunológicas do corpo humano que os fármacos convencionais não conseguem.

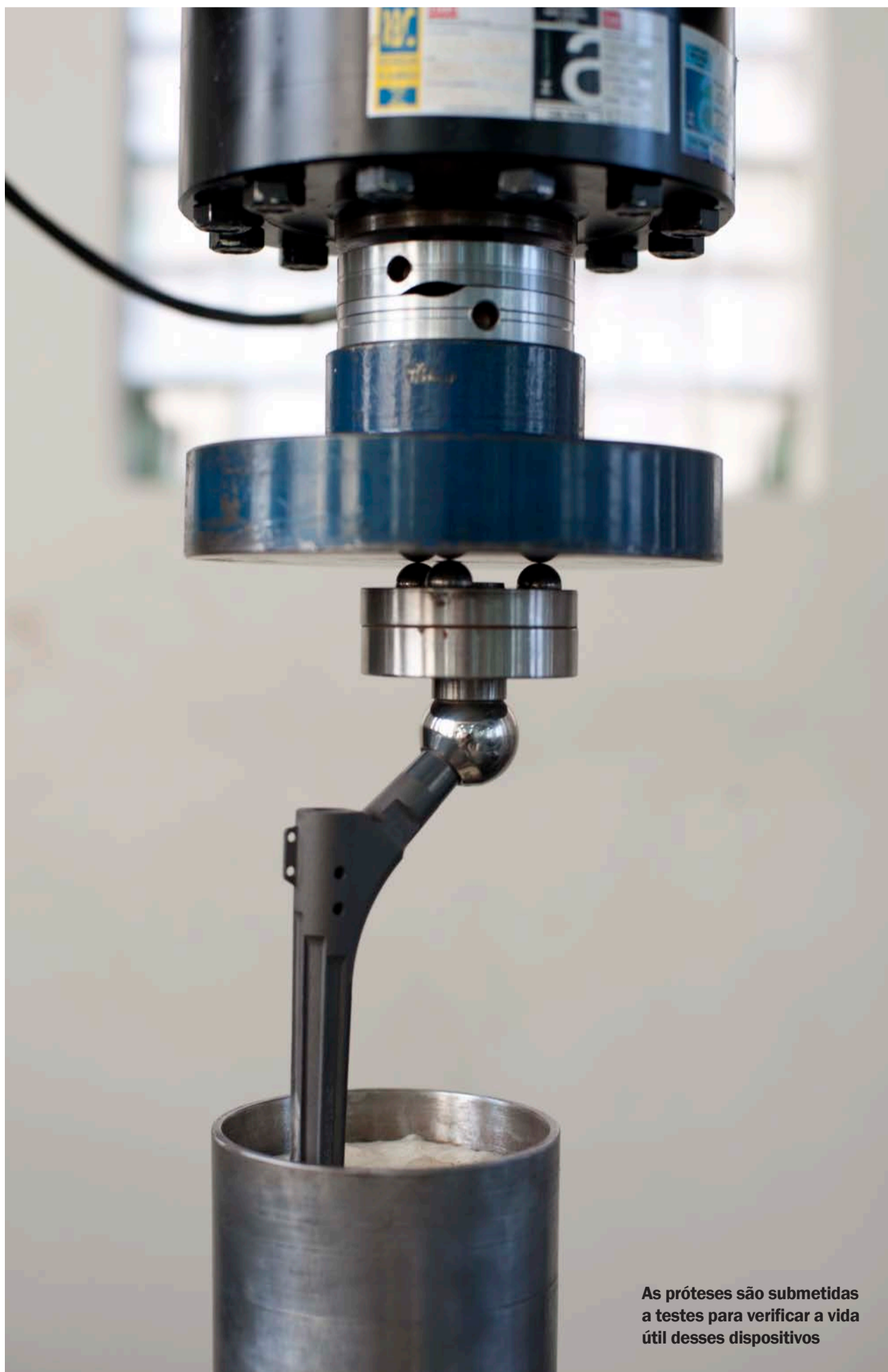
A produção é tão diversificada que as agências internacionais de regulação já pensam em elaborar uma legislação própria para esses produtos criados nas diversas áreas de conhecimento, desde a medicina à engenharia. No Brasil, por exemplo, o Inmetro poderá formular nanometrologias a fim de buscar parâmetros de medição para substâncias em escala tão pequena.

A Rede de Nanotecnologia Farmacêutica instalada na UFRGS vem desenvolvendo diversos produtos no campo das nanopartículas. Entre os exemplos mais populares, estão um fotoprotetor FPS100, que já é comercializado e a universidade recebe royalties pela transferência da tecnologia. Além disso, está em vias de ser lançado um anestésico local para procedimentos médicos simples com tecnologia aprovada na UFRGS e que está em fase de estudos clínicos pela Incrementa, que é uma empresa formada pela parceria entre os laboratórios Biolab e Eurofarma. O anestésico foi desenvolvido para ser utilizado em pequenos procedimentos, e a vantagem na posologia é o controle de como o medicamento age

no corpo do paciente, conforme explica a professora doutora em nanotecnologia Sílvia Guterres. “A nanotecnologia possui uma capacidade de controlar a entrada do produto na pele e também o movimento das partículas do produto que é liberado no corpo. Por isso, o salto tecnológico desse produto é que a nanotecnologia promove um controle da ação em termos de profundidade de alcance e efeito”, relata a especialista.

Ao aliar a nanotecnologia à medicina, o anestésico em forma de creme deve ser lançado em breve e já está na etapa final de análises clínicas. “Falta saber em que pé estão os testes com humanos que estão sendo realizados pelo laboratório. Em nossas pesquisas com camundongos, os efeitos são plenamente satisfatórios”, complementa. A assessoria da empresa informou que os testes estão sendo concluídos, mas não divulgou quando o produto entrará no mercado.

Mas os estudos na Faculdade de Farmácia e no Instituto de Química, em parceria com o CNPq e Capes, continuam na área de cosméticos, e outras patentes já foram concedidas para laboratórios produzirem industrialmente novos produtos nanotecnológicos. Porém, a professora mantém sigilo sobre o que será lançado e quem desenvolverá os testes clínicos. “Temos transferências de outras tecnologias na área de dermatologia sobre estudos dos últimos dois anos, mas ainda não posso adiantar que tipos de produtos são esses. Mas são na linha dos cosméticos”, garante.



As próteses são submetidas a testes para verificar a vida útil desses dispositivos



Onda estrangeira

Fluxos migratórios A crise financeira que afeta os polos de desenvolvimento interfere na dinâmica das migrações e leva cada vez mais estrangeiros a procurar trabalho e formação acadêmica no Brasil

Aumento da renda per capita, expansão do crédito, juros mais baixos, controle da inflação. Esses são alguns dos aspectos que podem ser apontados como consequências do desenvolvimento da economia do Brasil nos últimos anos. Mas não são os únicos. A estabilidade econômica tem apresentado como efeito uma inversão no fluxo migratório: enquanto os brasileiros que viviam no exterior retornam ao país, estrangeiros vêm para o Brasil na tentativa de melhorar de vida. Portugueses, japoneses, italianos, bolivianos, paraguaios e peruanos, atraídos pela consolidação da economia, procuram melhores salários e oportunidades de emprego e estudo.

Segundo dados do Ministério da Justiça, em 2009, eram cerca de 960 mil estrangeiros vivendo no país. No ano passado, esse número saltou para mais de um milhão e meio de pessoas, o que representa um aumento de 57%. A comunidade com maior número de imigrantes em situação regular é a dos portugueses (277.779), seguida pela dos japoneses (92.429) e dos italianos (72.700). Como causas para o crescimento da onda imigratória vista hoje – e que deve prosseguir nos próximos anos –, podem ser apontados o desenvolvimento da economia, impulsionado por obras de infraestrutura, a realização do Mundial de 2014 e dos Jogos Olímpicos de 2016, e as crises que assolam as nações de Primeiro Mundo – atualmente, 17 milhões de pessoas estão desempregadas na Europa. O levantamento do Ministério mostra que, pela primeira vez em 20 anos, o número de estrangeiros vivendo no Brasil – estudando, trabalhando ou acompanhando familiares – superou o de brasileiros que deixam o país pelas mesmas razões.

Os movimentos migratórios são

processos complexos que envolvem fatores políticos (guerras, perseguições a minorias étnicas), socioculturais (grau de flexibilidade das instituições em aceitar a diversidade), econômicos (alternância entre períodos de crise, estabilidade e crescimento) e históricos (transformações estruturais, associadas aos processos de industrialização e urbanização, às relações entre ex-colônias e ex-metrópoles). De acordo com André Moreira Cunha, coordenador do Programa de Pós-graduação em Economia da UFRGS, o processo de inversão nos fluxos pode ser observado desde 2008, com a crise financeira global tendo atingido de forma mais intensa os países avançados: “Tanto brasileiros estão voltando para o país quanto estrangeiros com dificuldades de conseguir empregos e um melhor horizonte de vida estão apostando nas perspectivas do Brasil”. Na concepção do professor, o reflexo desse movimento é uma melhoria do desempenho geral da nossa economia, especialmente depois de 2004: “Há uma forte criação de empregos, melhor distribuição da renda e salários que crescem mais do que a inflação”, destaca.

Juventude internacional – Uma das consequências desse contexto é a crescente oferta de cursos de português para estrangeiros. Na UFRGS foi criado em 1993, a pedido do MEC, o Programa de Português para Estrangeiros (PPE). A primeira turma, de 1994, teve apenas cinco alunos. Hoje, o Programa atende a 205 estudantes de 32 países. Margarete Schlatter, coordenadora do PPE, diz que o conhecimento da língua de um país é uma porta de entrada para quem deseja obter sucesso: “Para ter relações comerciais, culturais e sociais com qualquer outro, evidentemente

aprender a língua e a cultura desse outro é fundamental. Não significa sucesso garantido, mas é um meio de aproximação e de compreensão desse mundo em que se pretende trabalhar, estudar e conviver. O Brasil encontrou estabilidade econômica e, por isso, tem sido o destino de cada vez mais pessoas”.

Atraídos pela consolidação da economia, eles buscam melhores oportunidades de emprego e estudo

Camila Cáceres Penados tem 19 anos e veio da Guatemala complementar sua formação. Estudante de Biologia e aluna do PPE há três meses, ela conta que o ponto alto de sua experiência tem sido o contato com a cultura e com pessoas diferentes: “O Brasil hoje é uma potência, e viver aqui é um curso de imersão completa. Por sorte, estou morando com brasileiros, então aplico fora das aulas tudo o que estudo. E, como a minha carreira de graduação é a Biologia, é simplesmente um sonho vir ao Brasil e estudar a diversidade de vida que tem aqui”. No caso da espanhola Ana Belén Gutiérrez Puente, 26 anos, estudante de Letras, o principal atrativo do país é a cultura local: “Sempre tive atração pelo clima e pela música daqui e, além disso, sa-

ber outras línguas é enriquecedor. A mudança sempre é para melhor: novos amigos, novo país, novos costumes”, resume.

Dentro da UFRGS, o cenário não é diferente: hoje, a Universidade tem em torno de 700 estudantes estrangeiros oriundos de cerca de 50 países. Maria Inês Nardi, subsecretária de Relações Internacionais, destaca que a troca de culturas proporcionada pela presença desses alunos é fundamental para o ambiente plural e aberto que se espera de uma universidade: “Porque melhora o aproveitamento do conhecimento desenvolvido, prepara o jovem brasileiro para o mundo globalizado e atrai mais jovens e pesquisadores internacionais”.

A maior parte de nossos alunos estrangeiros é oriunda da Colômbia; são 91 estudantes só daquele país. Em seguida, vêm Argentina, Uruguai, Peru e França, com respectivamente 49, 47, 34 e 26 alunos, segundo dados da Secretaria de Relações Internacionais (Relinter). Kevin Ferreira, 21 anos, veio da França especialmente para estudar Engenharia Química. Ele explica que escolheu a UFRGS porque o curso traz conteúdos diferentes dos que via em seu país de origem: “Tenho vontade de trabalhar em uma indústria, então achei interessante não esquecer a parte da engenharia, a qual meu curso não foca muito. Como estou com alunos que já tiveram muitas aulas, aprendo com o que meus professores me ensinam, mas também com o que os colegas me falam. É uma experiência que vai me ajudar mais tarde”.

Mais imigrantes, mais desafios – Em 1930, o Brasil era uma grande fazenda. Na antiga política do café com leite, com um PIB de 300 milhões de dólares, nossa economia era quase ex-

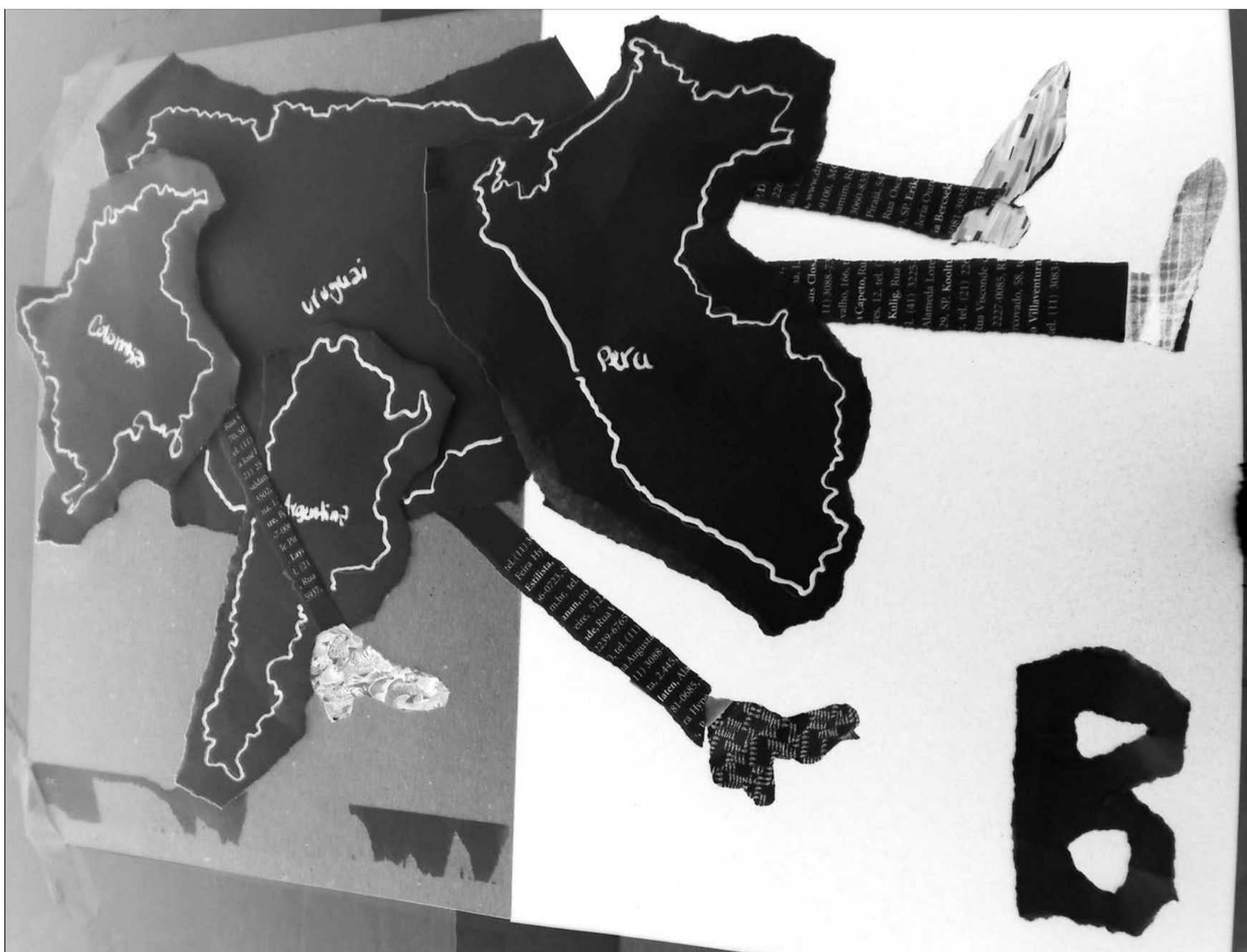
clusivamente agrícola. Dez anos mais tarde, depois de Getúlio Vargas ter chegado à presidência com seus ideais de industrialização, o PIB nacional atingia quatro bilhões e meio de dólares. Na década seguinte, o comando é de Juscelino Kubitschek e, em 1960, a soma das riquezas era de 14,8 bilhões de dólares. Nos anos da ditadura, o produto interno bruto atinge a marca de 86 bilhões, chegando a uma centena em 1990. A curva ascendente fecha em 2011, quando o Brasil encerra o ano com um PIB de 2,3 trilhões de dólares. O país almeja um lugar entre as cinco nações mais ricas do mundo, e o crescimento faz com que cada vez mais estrangeiros apertem na grande ilha de língua portuguesa da América do Sul.

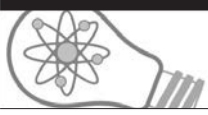
O fortalecimento da economia tem feito do Brasil um imã de mão de obra. E o cenário favorável ampliou tanto o número de imigrantes regulares quanto o de irregulares. Em 2009, por exemplo, a Lei da Anistia regularizou a situação de mais de 45 mil imigrantes. Embora não haja dados oficiais sobre o número de estrangeiros ilegais, de acordo com o Centro Pastoral dos Migrantes (São Paulo/SP) – a maior instituição de apoio aos imigrantes irregulares –, a chamada Casa do Migrante hospedou, durante 2009, cerca de 350 pessoas, número que quase duplicou em 2011.

Regulares ou irregulares, os estrangeiros no Brasil tendem a somar um número cada vez maior. O Censo de 2010 aponta para essa direção ao mostrar que, naquele ano, a quantidade de estrangeiros vivendo aqui havia aumentado 60% em relação a 2000. No mesmo período, o número de brasileiros que estavam no exterior há pelo menos cinco anos e que haviam retornado à terra natal quase duplicou. Em comparação aos nativos, que beiram hoje os 200 milhões, o contingente de estrangeiros ainda é pequeno, somando apenas 1% da população. Mas o fenômeno está em visível ascensão, e talvez nos próximos anos seja possível experimentar o clima em que viveram muitos de nossos antepassados, quando imigrantes fizeram do Brasil a “terra prometida” da época moderna.

O professor André Moreira Cunha frisa que, “assim como ocorreu no final do século XIX, início do século XX, o Brasil torna-se hoje potencialmente um absorvedor de fluxos migratórios”. Mas também destaca que a continuidade desse processo depende da sustentação e da aceleração do ritmo de crescimento da economia: “É preciso melhorar substancialmente nosso ambiente de negócios, a qualidade da educação e da saúde, a infraestrutura, e reduzir o problema da violência urbana, que é grave: com pouco menos de 3% da população mundial, o Brasil responde por 11% das mortes associadas à violência”, afirma. Para o professor, que atualmente faz seu pós-doutorado na Inglaterra, falta ao país uma sociedade mais aberta à inovação: “Em resumo, há perspectivas de que esse processo migratório continue ao embalo do bom momento da economia. Mas, para que seus frutos se consolidem, temos que enfrentar nossas deficiências estruturais. A agenda é ampla e complexa, e os avanços, ainda tímidos”.

Priscila Kichler Pacheco, estudante do 5.º semestre de Jornalismo da Fabico





De olho na balança

Saúde

Aumento da obesidade alerta sobre a necessidade de políticas para uma alimentação saudável na infância

Na hora do lanche, Daigo se diverte no refeitório comendo o pequeno pedaço da torta de legumes e o suco natural de tangerina, parte do cardápio de uma quinta-feira na Creche Francesca Zacaro Faraco, da UFRGS. Todos os dias, o menino de dois anos e os colegas da turma Maternal 1A recebem uma alimentação balanceada, que inclui porções de frutas e legumes. Os pequenos são acompanhados de perto por Rosilane Mattos dos Santos, a nutricionista, que, junto com as professoras, orienta as crianças em atividades sobre alimentação saudável.

Por meio de projetos federais e privados, cresce a busca pela prevenção da obesidade desde a primeira infância. As iniciativas são justificadas: a doença é considerada pela Organização Mundial da Saúde um dos 10 principais problemas de saúde do mundo e já é encarada com estatuto de epidemia mundial.

Entre os pequenos, o índice é alarmante: a Pesquisa de Orçamento Familiar (POF), realizada entre 2008/09 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), aponta que uma em cada três crianças com idade entre 5 e 9 anos estão com peso acima do recomendado. Entre os jovens de 10 a 19 anos, um em cada cinco apresenta o mesmo problema. Segundo a endocrinologista e professora do Programa de Pós-graduação em Medicina: Ciências Médicas da UFRGS, Tania Furlanetto, além dos problemas à saúde e ao crescimento infantil, a chance de uma criança obesa permanecer acima do peso é muito grande. Tal tendência se reflete na população adulta. Dados recentes do Ministério da Saúde apontam que a proporção de pessoas acima do peso segue em progressão. De acordo com uma pesquisa realizada em 2011 pela Vigilância de Fatores de Risco e Proteção para Doenças Crônicas por Inquérito Telefônico (Vigitel 2011), o índice de excesso de peso aumentou de 42,7% em 2006 para 48,5% em 2011.

As medidas da doença – A obesidade é uma doença crônica, caracterizada pelo excesso de gordura corporal. Segundo a coordenadora do Departamento de Nutrição da UFFCSPA, Fernanda Busnelo, o distúrbio pode ter diversas causas, incluindo fatores genéticos, ambientais, de estilo de vida e emocionais. A obesidade é medida através do Índice de Massa Corporal (IMC), cujo cálculo é feito pela fórmula: peso (em quilos), dividido pela altura (em metros) ao quadrado. Se o resultado for acima de 25, a pessoa é considerada com sobrepeso; se for acima de 30, é considerada obesa.

Há duas categorias principais de obesidade, definidas pela maneira como a gordura se distribui no corpo: a androide (tipo maçã), quando a gordura é distribuída na parte do tronco, e a ginecoide (tipo pera), quando a gordura se localiza no nível do quadril. Na obesidade do tipo pera, os perigos são mais brandos, mas incluem danos como problemas ortopédicos e venozos vasculares. O tipo androide, recorrente nos homens, é o mais perigoso. “Nesses indivíduos há maior risco de hipertensão, de diabetes mellitus, de distúrbio de lipídios, aumento de ácido úrico e asso-

ciação com alguns tipos de câncer”, destaca Tania. Devido a essa diferenciação, a medida da cintura também é um dos parâmetros de classificação da obesidade.

A urbanização na balança – A antropóloga e coordenadora do Núcleo de Pesquisas em Antropologia do Corpo e da Saúde da UFRGS (NUPACS), Daniela Riva Knauth, explica que a obesidade sempre existiu, mas com distintas interpretações. Se antigamente o excesso de peso era símbolo de riqueza e ascensão econômica, hoje o parâmetro é outro. As sociedades nômades, que despendiam muita energia, passaram a se estabilizar em um local determinado e a modificar seus hábitos. “Com isso, muda a questão da atividade física na sociedade e começa também a mudar a valorização e a associação entre a obesidade e o poder econômico”, explica.

Além da transição cultural da colonização nômade para a permanente, pequenas modificações ao longo dos anos também surtem efeito. As tecnologias e a industrialização não trouxeram apenas praticidade; a mudança nos hábitos da sociedade moderna carregou consigo uma série de consequências. “As pessoas ficaram mais sedentárias e com menos tempo para praticar atividades físicas”, aponta Fernanda Busnelo.

A aceleração do ritmo de vida produz consequências diretas nos hábitos alimentares, com o aumento da ingestão de refeições rápidas e de produtos industrializados, com alto teor de açúcar, gorduras e sódio. Nesse aspecto, Knauth lembra o impacto da mídia nos hábitos alimentares infantis: não raros são os comerciais de doces ou salgadinhos que utilizam personagens de desenho animado para atrair a atenção das crianças, que tendem a preferir o produto industrializado ao natural.

Além disso, a produção em série acarreta o barateamento dos alimentos processados em relação aos naturais e orgânicos. Segundo Daniela Knauth, o fator econômico é um dos motivadores do aumento da obesidade nas camadas sociais com menor poder aquisitivo. Se antes a preocupação era o combate à desnutrição, hoje os índices de sobrepeso são muito preocupantes. Entretanto, Tania Furlanetto ressalta a falta de conscientização como outro agravante para esse fenômeno. “Talvez a observação de que as pessoas de nível socioeconômico mais alto sejam mais magras também se deva ao fato de elas estarem mais conscientes dos problemas que estão relacionados a isso”, lembra.

Mudança de hábitos – Segundo as especialistas, o combate à obesidade deve partir da reeducação alimentar e da atividade física, incentivadas desde a infância. Não basta apelar para medidas que prometem solução imediata do problema. Para a coordenadora do NUPACS, os brasileiros possuem um culto exagerado ao corpo magro, porém há pouca crítica ao processo de medicação: é grande a busca por dietas rápidas, medicamentos e intervenções cirúrgicas, mas baixa a procura pela mudança de hábito. “A gente opta por formas de maior risco, mas que tenham resultado mais imediato”, conclui. Essas opções, sem o acompanhamento de mudanças de hábito permanentes, perdem seus efeitos rapidamente.

Tania Furlanetto indica a importância de conhecer o próprio hábito alimentar e criar uma rotina, um ritual de alimentação. “Isso evita que a pessoa coma no impulso”, acrescenta. Além disso, são necessárias políticas que facilitem o acesso da população à informação, a alimentos mais saudáveis e à atividade física.

Priscila Daniel, estudante do 5.º semestre de jornalismo da Fabico



Daigo Kubo Fernandes de 2 anos é uma das crianças beneficiadas pela alimentação balanceada da Creche da UFRGS

FILIPPO OLTRA/JU

A dieta que vem da escola

“Criança saudável é criança gordinha.” A frase característica que marcou a infância de diversas gerações já mostra suas falhas. Para prevenir e combater os altos índices de obesidade infantil, foram criados programas como o dos Centros Colaboradores em Alimentação e Nutrição do Escolar (Cecane). Fruto de uma parceria entre algumas universidades brasileiras e o Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), sua finalidade é aprimorar o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE). No Rio Grande do Sul, o Centro é associado à UFRGS desde 2006.

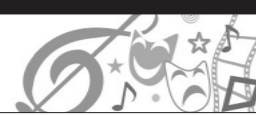
Aliado ao curso de nutrição e a outros cursos da Universidade, o projeto atua em três eixos principais: ações de educação permanente, pesquisa e extensão. Segundo a nutricionista e subcoordenadora de Extensão do Cecane-Sul, Vera Lúcia Bosa, além da assessoria aos municípios e da capacitação de profissionais como nutricionistas, merendeiros e conselheiros da alimentação que atuam diretamente com a alimentação escolar, a pesquisa é um aspecto muito importante do trabalho. Por meio dos dados coletados nas escolas, é possível vincular a qualidade do alimento oferecido e o estado de saúde das crianças. A partir da análise desses dados, as ações ganham respaldo. Atualmente, o Centro Sul está iniciando o projeto Cecane na Escola, que busca atuar na comunidade escolar, visando à mobilização de todo o município e à permanência do projeto. “A ideia é que isso seja um processo contínuo. Quanto mais cedo se trabalhar com essas crianças, mais problemas no futuro vão ser evitados”, completa Vera.

Índice de Massa Corporal

IMC	Classificação
Abaixo de 18,5	Subnutrido/ abaixo do peso
Entre 18,6 e 24,9	Peso ideal
Entre 25,0 e 29,9	Levemente acima do peso
Entre 30,0 e 34,9	1.º grau de obesidade
Entre 35,0 e 39,9	2.º grau de obesidade
Acima de 40	Obesidade mórbida

Medida da cintura

	Risco aumentado	Risco muito aumentado
Homens	Acima de 94 cm	Acima de 102 cm
Mulheres	Acima de 80 cm	Acima de 88 cm



FLÁVIO DUTRA/JU

Nunca a metade foi tão inteira



Luiz Tatit acha que a canção é o gênero brasileiro por excelência e que funciona como trilha sonora de momentos-chave de nossas vidas

Núcleo da Canção O projeto é um espaço aberto para falar sobre a canção popular

Canta Luiz Tatit: “Por não ter o meu destino/ Vivo em desatino/ Como Dom Quixote”. A canção é *Sem Destino*, presente no álbum homônimo lançado em 2010, o mais recente do artista. Canto suave acompanhado pelos dedilhados no violão. Letras simples e marcantes. Assim são as composições de Tatit, cujos versos tiveram como destino os títulos desta matéria.

De lados opostos, mas ao mesmo tempo complementares, como os elementos que dão forma às canções, letra e melodia, os professores e homônimos Luiz Augusto de Moraes Tatit e Luís Augusto Fischer deram forma aos dois lados de uma conversa sobre canção. Tatit, como teórico, docente da USP e ele próprio um cancionista com cinco álbuns lançados, tratou de analisar o objeto de dentro por seu viés prático. E Fischer, professor, escritor e estudioso da área – “sou um músico amador e essa coisa toda” –, procurou olhar de fora, sob um ângulo histórico e literário. As metades da canção – as metades do diálogo.

Em 27 de abril, os dois protagonizaram o encontro de abertura da temporada 2012 do Núcleo de Estudos da Canção, projeto extensionista que tem por objetivo compartilhar diferentes concepções sobre a canção popular. O público que lotou a Sala João Fahrion, na reitoria da UFRGS, ouviu análises, histórias e opiniões sobre aspectos como composição, entoação, ritmo, narrativa. Tatit e Fischer falaram da ambiguidade que envolve a natureza da canção, da posição que ela ocupa no Brasil, de como ela constitui a

linguagem brasileira por excelência e até de suas relações com o futebol – os dois são práticas populares que cresceram e ganharam força, no país, sem premeditação.

O dom que o canto tem – “É o gênero brasileiro por excelência. A própria fala humana já é um esboço de canção. Em um ato contínuo, a gente fala e compõe automaticamente”, explica Tatit, para quem o Brasil se tornou uma espécie de polo de discussão sobre o tema.

Desde a Bossa Nova, os brasileiros ouvem artistas que interpretam a vida sob a forma de melodias. “O país produz cancionistas e canções maravilhosas, e a todo momento ela [a canção] se renova com gênero”, aponta Lígia Petrucci, coordenadora do projeto pelo Departamento de Difusão Cultural da Universidade. Na mesma linha, Fischer ressalta o êxito que essa forma de arte obteve ao agregar em seu entorno artistas de qualidade indiscutível: “Por sorte ou por fatalidade histórica ocorreu que a canção no Brasil trouxe para o seu campo artistas de primeira qualidade. Não apenas artistas eventualmente bons, mas indivíduos excepcionais que seriam bons em qualquer arte. E isso faz uma diferença enorme, porque, assim, nosso patrimônio musical, além de ter essa variedade espontânea e intuitiva, dispõe de figuras incríveis”.

A canção é um gênero particular entre as artes. O termo é usado para designar exclusivamente composições com canto. Nem só letras, nem só acordes, ela ocupa uma posição bilateral e de interdependência entre seus componentes, em que uma parte não encontra sentido sem a outra. “Olhando do ângulo acadêmico, é um objeto composto: é letra e melodia, é literatura e música. E não tem um lugar definido, não pertence nem ao departamento de letras nem ao de música”, explica Fischer. Entre suas particularidades, a canção brasileira

encontra eco nas gerações que a perpetuam. “Pelo menos há cinquenta anos, se não mais, esse gênero responde pela formação lírica do brasileiro médio. A gente se forma não lendo poesia e, sim, ouvindo canções”, acrescenta. “É a junção de melodia e letra – esse é o núcleo da canção”, resume Luiz Tatit.

Assim era no princípio – A canção surge no Brasil com a vontade de fazer mais do que oralizar uma poesia. Nasce com os próprios poetas nas três primeiras décadas do século XX e aos poucos espalha o desejo de cantar os versos. Manuel Bandeira, ao lado de Jaime Ovalle e Villa-Lobos, contribuiu com a canção brasileira de forma intensa, escrevendo letras para as melodias compostas pelos dois músicos e fornecendo poemas para serem musicados. Foi o caso, por exemplo, do poema *Rondô do Capitão*, musicado por João Ricardo para o primeiro álbum do grupo Secos & Molhados, lançado em 1973. Mais cedo, no final dos anos 1950, a canção brasileira foi representada pela Bossa Nova, que trazia a reformulação do samba carioca nas vozes de João Gilberto, Nara Leão, Vinícius de Moraes e Tom Jobim. E a partir da década de 1960 o gênero fica atrelado ao movimento do Tropicalismo e à MPB, encabeçados por nomes como Caetano Veloso, Gilberto Gil e Chico Buarque.

Na UFRGS, a ideia de criar um espaço onde se pudesse estudar a história desse gênero veio em 2007, com a apresentação de um seminário pelo projeto Unimúsica cuja temática era a canção brasileira. “É essa concepção foi ao encontro da disciplina Canção Popular Brasileira, ministrada pelo Fischer na Letras. Juntou-se, então, uma iniciativa à outra, e o resultado foi o Núcleo de Estudos da Canção”, conta Lígia. Ao lado de Luciano Zanatta, Fischer também responde pela coordenação do projeto. “Ele nasceu da nossa consciência de que a canção, como prática compartilhada da história brasileira,

constitui um patrimônio de riqueza incalculável para a nossa cultura. E esse patrimônio não tinha, até aquele momento, um lugar muito nítido na Universidade”, relata o professor.

A primeira edição aconteceu em julho de 2008. Desde então, o Núcleo realiza reuniões mensais com formatos diversos – apresentações de pesquisas, entrevistas, conversas, audições comentadas – estruturadas de modo a contemplar todas as possibilidades oferecidas pelo tema. Para Lígia, o destaque está na contribuição aos estudos feitos sobre canção: “É um dos poucos projetos universitários voltados exclusivamente para isso e com um cunho interdisciplinar”.

Para Fischer, é uma oportunidade ímpar: “O Núcleo não tem restrições. Quem quiser estudar, comentar ou simplesmente ouvir, pode acompanhar”.

Como uma letra para uma melodia Na análise de Tatit e Fischer, o poder da canção está em sua capacidade de encaixar trajetórias inteiras em um espaço bastante enxuto. Para Tatit, as canções, que funcionam como trilhas sonoras de momentos-chave da vida, são frutos de tentativas sucessivas.

Metades de um organismo vivo no imaginário coletivo, as letras e melodias de nossas canções extrapolam as diferentes gerações – reconhecemos seus tons, conhecemos as vozes de quem as canta. A presença da canção na vida cotidiana, entre ligar o rádio do carro ou pôr fones de ouvido, é vasta. E, de tão vasta, que por que não falar em uma canção da vida cotidiana: “A importância que ela tem para a nossa educação sentimental é incomensurável. O modo como a gente olha para o mundo, como a gente namora – tudo recebe influência da canção. E eu acredito que essa arte continua tendo a mesma força”, reflete Fischer.

Priscila Kichler Pacheco, estudante do 5.º semestre de Jornalismo da Fabico

JU indica

O jornalista farroupilha Vicente Ferreira Gomes (1805-1837)

Celia Ribeiro
Porto Alegre, Libretos, 2012,
176 páginas
R\$ 29 (preço médio)



Lançado em março, o livro apresenta a biografia do jovem líder que foi jornalista, juiz municipal, deputado provincial e chefe de polícia da capital durante

o período em que Porto Alegre esteve sob a ocupação dos farroupilhas. No prefácio, a autora – de quem Vicente Ferreira Gomes é trisavô – declara que se sentiu motivada a produzir a obra como uma reportagem histórica depois de ler os textos publicados por esse jornalista revolucionário, que usou sua pena como arma na defesa dos ideais liberais. Filho de um imigrante português, Vicente estudou com o padre Thomé Luiz de Souza, mestre que exerceu grande influência em sua formação cultural e política. Tendo herdado do pai o prazer pela arte teatral, foi ator e trabalhou nos bastidores, juntamente com os irmãos mais novos Apolinário José Filho e Lúcio Ferreira Gomes. Em abril de 1826, aos 21 anos, ele se uniu a Francisca Auta Vellez, a quem conhecia desde menina. Tiveram três filhos: Fernando Ferreira Gomes, Francisco e Rita. Um ano mais tarde, ingressaria no *Diário de Porto Alegre*, jornal ao qual tentou imprimir uma linha liberal, apesar de a imprensa rio-grandense estar sob censura. Conforme descreve a autora na página 74, “pouca criatividade era exigida do redator do *Diário de Porto Alegre*, com espaços preenchidos pelas transcrições de ofícios. Vicente cansou de editar um jornal que se limitava às notícias de interesse do governador [Salvador José] Maciel, verdadeiro censor. Decidiu, então, fundar um jornal independente em defesa da monarquia constitucional, impregnado pelas ideias de liberdade que acabariam pautando a Revolução”. O novo jornal, batizado de *O Constitucional Rio-Grandense*, seria lançado em 5 de julho de 1828 e prometia atuar com liberdade de crítica em defesa da monarquia constitucional. Ele circulava às quartas-feiras e aos sábados na capital e também era vendido em Rio Grande e Pelotas. Autointitulado um jornal político e literário, o periódico publicou, entre outras inovações, uma série de biografias de mulheres europeias. Jovem chefe de família preocupado em garantir o sustento da mulher e dos filhos, Vicente deixou de trabalhar no *Constitucional* em março de 1831 e passou a priorizar sua atuação político-partidária, participando ativamente dos preparativos da Revolução Farroupilha. O desejo da conquista de uma maior autonomia da província em relação ao governo central envolveu o rapaz que desejava contribuir para o melhor destino político e econômico do Rio Grande do Sul. Como descreve a autora na página 101, “ao cair da noite, andava pelas ruas com outros correligionários, protegidos pela fraca iluminação dos candeeiros alimentados por óleo de baleia, esgueirando-se junto às paredes das casas até o ponto da reunião”. Após a tomada da capital pelos farroupilhas, Vicente foi nomeado por Bento Gonçalves chefe de polícia interino. Com o fracasso da Revolução, foi inicialmente encarcerado no quartel do 8.º Batalhão dos Caçadores, situado em frente a onde é hoje a Praça Argentina, na esquina da Rua Duque de Caxias com a Avenida João Pessoa. Depois, foi transferido para o navio-prisão Presiganga, fundeado no Guaíba. As condições de insalubridade do velho navio e a umidade do rio-lago contribuíram para a deterioração do estado de saúde de Vicente, acometido de violentas dores renais. Vencido pela doença, faleceu em 1.º de junho de 1837, um mês e meio antes de completar 32 anos. (Ânia Chala)

O que não falta é assunto

Para marcar os cinco anos de história, a organização do Núcleo de Estudos da Canção prevê a publicação de um livro. “Em cima do perfil ambivalente do projeto, pensamos em fazer um livro que possa interessar tanto a quem pesquisa e estuda a canção quanto a quem apenas ouve. Juntamos essas duas personalidades da área, que são o Tatit e o Fischer, para que cada um contribuísse com seus pontos de vista”, conta Lígia.

Ainda sem título ou previsão de lançamento, a obra deve abordar os diferentes aspectos da canção popular brasileira e tem a finalidade de ser um marco na trajetória do Núcleo. “A nossa ideia é fazer um livro a partir dessa conversa entre o Luiz Tatit e mim. Uma conversa sobre o lugar da canção na cultura brasileira, os modos de olhar pra ela, as grandes conquistas, os diálogos entre a canção e as outras artes”, resume o coordenador.

O livro deve reforçar aquela que é, de acordo com Lígia, a principal contribuição do Núcleo – estudar a canção e avançar nesses estudos na medida em que promove uma troca de conhecimentos a respeito: “São encontros sempre muito produtivos, no sentido de que resultam em ideias novas não só para a audiência, mas às vezes até para o próprio compositor, e nós precisávamos marcar essa existência de alguma forma”.



ELIANO DUTRA/JU

Geografia da infância

Para especialistas, a vida da criança é marcada por objeções ao seu direito de brincar. Mas, como se pode observar numa tarde no pátio da Creche da UFRGS, elas sempre encontram uma saída

Sociologia
Saramago inspirou encontro realizado na UFRGS que tratou da urgência de ações pelos direitos infantis nos países de língua portuguesa

Jacira Cabral da Silveira

O escritor português José Saramago disse sobre nosso comportamento com relação às crianças em *Um conto de Natal*: “O nosso grande erro, esquecidos como em geral andamos das infâncias que vivemos, foi pensar que as crianças nascem uma única vez e que depois de nascidas se limitam a ficar à espera de que o tempo passe e as transforme em adultos, os quais, como deveríamos saber, constituem uma espécie diferente de seres humanos. A criança começa por nascer uma vez, que é a de vir ao mundo, e depois continua a nascer para compreendê-lo: não tem outro remédio nem há outra maneira”.

Durante todo o dia 26 de abril, professores-pesquisadores de Angola, Brasil, Cabo Verde, Portugal e Timor Leste relataram seus trabalhos sobre a infância em seminário promovido pela Escola de Educação Física da UFRGS. Tendo como aproximação inicial o idioma, as experiências comprovaram o quanto a vida da criança que fala português na atualidade é marcada pela pobreza, por objeções ao seu direito de brincar e pela obsolescência da escola. Em meio a processos recentes de redemocratização ou independência, os representantes dos países presentes no seminário *Olhares sobre as infâncias e as crianças nos países de língua portuguesa* mostraram o quanto discorrer

sobre o desenvolvimento de uma nação é também categorizar a infância, quer numa perspectiva econômica, quer cultural.

“As imagens produzidas sobre a infância não interferem apenas nas relações intergeracionais, mas também produzem aquilo que chamamos de diferentes visões de mundo”, comenta Catarina Tomás, da Escola Superior de Educação de Lisboa, que classificou de híbrida a série de índices que retratam a infância em Portugal. Se, por um lado, os lusitanos têm uma das mais baixas taxas de natalidade infantil do mundo, por outro, segundo a professora, Portugal é um dos três países da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) no qual as crianças morrem em decorrência da violência familiar.

Numa avaliação mais abrangente, o sociólogo Redy Wilson Lima, integrante do Centro de Pesquisas e Estudos Avançados da Universidade de Santiago, em Cabo Verde, critica a importação da concepção de infância do ocidente pelos países não ocidentais: “Quando analisamos o fenômeno da infância, a tendência é termos uma perspectiva globalizada de intervenção na criança. Não percebemos com isso que estamos aceitando a imposição de alguns modelos que não levam em consideração o que realmente é nosso, as nossas especificidades”.

Cabo Verde – A crítica de Redy diz respeito especialmente ao conceito da criança que vive nas ruas. Para o pesquisador, o problema surge quando esses indivíduos infantis desestabilizam as concepções idílicas de criança, que a entendem como um sujeito a ser disciplinado, dependente e desprovido da capacidade de pensar por conta própria. Para o professor, isso ocorre porque “é perturbador uma criança que sabe se virar na rua”.

De acordo com o pesquisador, um dos grandes problemas da juventude e das crianças em Cabo Verde é o abandono escolar: “Lá 41% das crianças que trabalham não estudam”, revela. Dados oficiais acusam uma taxa de

frequência escolar de estudantes de 14 a 17 anos de 35%. Por essa razão, ao reconstituir o histórico da criação de instituições como abrigos para crianças que circulavam nas ruas em seu país (acompanhando os pais pescadores e vendedores nas calçadas), Redy reconhece a importância desses locais: “Embora sejam aí enclausuradas, algumas crianças conseguiram estudar graças a esses abrigos [religiosos]”.

A vida da criança que fala português é marcada pela obsolescência da escola

Portugal – O enclausuramento também foi criticado no relato sobre a realidade da criança em Portugal. Conforme Natália Fernandes, professora do Instituto de Educação da Universidade do Minho (UM), uma das preocupações atuais em seu país é com a obesidade infantil, problema cuja explicação principal recai sobre o longo período escolar e o cotidiano doméstico transcorrido basicamente dentro de casa. “Em 2007, cerca de 30% das crianças entre 6 e 10 anos eram obesas, e antes dos 6 anos de idade esse índice era de 25%”, ilustra. Sem contar com a troca da culinária mediterrânea pelo hábito dos *fast foods*, acrescenta.

Em 2005, a sociedade portuguesa ficou mais velha: enquanto 15,6% da população era formada por crianças, 17,1% constituía-se de maiores de 65 anos de idade. Isso fez com que se desenvolvesse uma nova concepção de infância naquele país, garante a pesquisadora. “A criança passou a ser vista como um bem escasso e, como tal, veio a ser alvo de superproteção por parte

do adulto.” Esse aspecto, na opinião de Natália, destoa de fenômenos como a já referida alta taxa de mortalidade infantil decorrente da violência familiar e do fato de os pais portugueses serem os que menos têm tempo para brincar com seus filhos, conforme estudo realizado por uma empresa de brinquedos.

Angola – O estudo apresentado pelo angolano e professor do Instituto de Educação da Universidade do Minho, Eugénio Alves da Silva, teve como foco a criança no meio rural de Angola, ambiente caracterizado pela pobreza e pela escassez e distância de escolas e de postos de saúde. Essa realidade contribui para a manutenção de uma população infantil analfabeta e mal nutrida e de um elevado número de mulheres que morrem de parto por falta de uma política de assistência pública.

Para agravar as condições de vida das crianças angolanas, o pesquisador afirma que determinadas práticas da cultura bantu – comum na sociedade angolana – encurtam a infância em seu país: “O período da infância é especialmente concebido como uma etapa preparatória para a vida comunitária, marcada pela responsabilidade das crianças como continuadoras da tradição”.

Timor Leste – De pés descalços e sorridentes, os meninos e meninas de Timor Leste recebem os turistas, ainda

que muitos deles façam apenas uma refeição ao dia. Essa é a imagem que a professora Márcia Vandineide Cavalcanti guardou das crianças do distante e novíssimo país do sudoeste asiático, que conquistou sua independência em 2002. Professora da rede estadual de Pernambuco, durante quatro anos Márcia pesquisou *in loco* a respeito da ideia que professores e alunos timorenses têm sobre os direitos das crianças. Uma das respostas mais recorrentes entre as crianças foi “ter direito a ter um nome”. Marcia atribui tal resposta ao fato de os timorenses não terem registro de nascimento porque todos os seus documentos foram queimados pelos indonésios em 1975, quando foram afastados do poder.

Mas apesar de toda a pobreza e da prática comum do trabalho infantil para ajudar na renda familiar, não há crianças nas ruas em Timor Leste. “Os meninos continuam a ter um lar. E mesmo aqueles cujos pais não têm condições econômicas para alimentá-los são abrigados pelos familiares, porque não deixamos as nossas crianças na rua”, enfatiza Benvinda Oliveira, professora da Universidade Nacional Timor Lorosaé. Ela condena, entretanto, determinadas tradições que obrigam inclusive as famílias pobres a gastarem o que não têm com ritos como os funerais, “sob pena de serem condenados pela comunidade”, o que acaba por empobrecer ainda mais a infância no Timor Leste.

Pelo direito à brincadeira

Os relatos apresentados no seminário promovido pela Escola de Educação Física da UFRGS (ESEF) em parceria com a Universidade de Maringá integram o livro *Crianças dos países de língua portuguesa: histórias, culturas e direitos*, organizado pela professora Verônica Müller e disponível nas bibliotecas da ESEF e da Faculdade de Educação. A obra já faz parte da bibliografia dos alunos matriculados na disciplina Fundamentos da Educação Física na Educação Infantil, ministrada pela professora e uma das coordenadoras do seminário, Miriam Palma.

Trabalhando o tema desde 1984 em suas disciplinas, Miriam argumenta que a criança de hoje perdeu muito o movimento que a caracteriza, especialmente devido ao acúmulo de atividades em ambientes fechados. E não é só isso: “O tempo presente da criança não é respeitado; ela é sempre uma preparação para o futuro. Quando está na escola infantil, está se preparando para ser alfabetizada e, quando entra no ensino básico, perde bruscamente o direito de brincar. Os recreios são curtos para alguém que ainda tem na brincadeira uma fonte de desenvolvimento”, pondera.

Meu Lugar na UFRGS



FLÁVIO DUTRA/JU

Reduto estudantil

“Uma família para servi-lo.” Essa é a frase do cartaz do Mariu’s, um restaurante pequeno e acolhedor, instalado no número 288 da Avenida Osvaldo Aranha. Com 90 anos de idade, o fundador Mário Fernandes ainda prepara pessoalmente os bolinhos de bacalhau, especialidade da casa, que é considerada por muitos estudantes uma extensão da Universidade.

Ao ingressar no restaurante, que fica quase em frente à Faculdade de Arquitetura da UFRGS, o cliente é logo recebido por Barroso, genro de Mário e garçom do local. O ambiente é simples; na rua, as cadeiras amarelas contrastam com o cinza da avenida; no interior, as fotos antigas mostram a tradição do Mariu’s. O negócio é familiar. No caixa, quem coordena é Lila, filha do dono. E na hora do almoço não é rara a presença de Mário, conferindo se a comida está boa e se os clientes estão satisfeitos. Não por acaso alunos da Universidade fazem propaganda do bom atendimento em sites da internet e indicam os tradicionais lanches em manuais de dicas para os calouros.

O restaurante é um reduto universitário desde 1975, quando foi aberto. Mas a relação de Fernandes com a UFRGS data de anos antes, desde o início de sua história no Brasil. E é com o sotaque do Distrito de Aveiro, em Portugal, que ele relembra sua trajetória em terras brasileiras. Seu primeiro destino, quando chegou à América com a esposa, Maria Alice da Silva, em 1947, foi o Rio de Janeiro, onde vivia seu sogro. Mais tarde, mudou-se para Porto Alegre.

Apesar da formação técnica como podador de árvores frutíferas, com especialização em oliveiras, Mário não seguiu a profissão. Mostrou-se um grande empreendedor. Logo no início, trabalhou em uma farmácia, mas a remuneração era pouca. Perguntou ao patrão: “Henrique, meu salário é esse: 500 cruzeiros por mês? Não dá pra comer!”. O chefe respondeu que era assim, e Mário largou o emprego. Começou um sistema de entrega de pães, levando de carroça o alimento às casas das redondezas. “Tinha 500 fregueses a domicílio”, lembra com orgulho.

Mais tarde, vendeu o negócio e montou o Café da Universidade. Foi o começo da longa relação dele com a UFRGS. Instalado entre as ruas Sarmiento Leite e Osvaldo Aranha, era frequentado por vários professores e estudantes. Mário lembra, inclusive, da relação com o ex-reitor Paglioli, “grande freguês”. Nos tempos do Café da Universidade, conta que teve a oportunidade de estreitar ainda mais os laços com a UFRGS. “O Paglioli mandou me convidarem a abrir o restaurante na reitoria. Foi quando eu abri uma

padaria aqui [na Osvaldo Aranha]. Daí que não fui pra reitoria e acabei arrependido”, lamenta. Mesmo sem ter um negócio dentro do câmpus, as relações com a universidade não enfraqueceram. Os clientes continuaram fiéis até ele deixar o ponto alugado e comprar o prédio onde hoje fica o restaurante para montar a sua padaria.

Antes de fundar o Mariu’s, o português teve o Palatino Lanches, na rua Dr. Flores e, mais tarde, o restaurante Tejo, na Rua Cristóvão Colombo, especializado em cozinha portuguesa. “Era uma coisa nunca vista. Chegava a vender 300 litros de chope por dia”, rememora com entusiasmo. Em 1975, ele fechou o Tejo para abrir o Mariu’s e de lá não saiu mais.

Na época da ditadura, o restaurante era ponto de encontro da esquerda. Fazia parte da chamada “Esquina Maldita”, que unia também os bares Alasca, Copa 70 e Estudantil, e era local frequente de batidas policiais. Na Esquina começavam as manifestações estudantis, que não podiam ser realizadas no DCE devido à repressão. “Pra mim foi bom, tinha movimento sempre. Nunca me envolvi com política, era neutro. E eram todos meus clientes, tanto a direita quanto a esquerda, não tratava eles com diferença”, confessa.

Desde 1947, os estudantes sempre foram grandes amigos de Mário. Ele conta que até hoje é lembrado por seus antigos clientes, que continuam a frequentar seu estabelecimento. “Na semana passada fui fazer um exame de vista na Santa Casa e, quando ia saindo, veio um alemão alto: ‘Ô, seu Mário!’. Era o diretor do Hospital Santa Rita. Foi estudante e até hoje vem aqui comer bacalhau comigo”, relata. Essa proximidade com os universitários mantém a jovialidade do imigrante, que não consegue ver seu cotidiano sem os jovens. “Eu adoro estudantes. Eles fazem parte da minha vida”, admite.

Mário já prevê o seu destino: viver o resto de sua vida ali, cercado de estudantes, que se seguem de geração em geração. Não é à toa que o português tem um carinho tão grande pela instituição. “A UFRGS é a minha segunda casa”, conclui Mário, cuja história se confunde com a trajetória da Universidade e de seus alunos.

Priscila Daniel, estudante do 5.º semestre de jornalismo da Fabico

Esta coluna resulta de uma parceria entre o JU e a UFRGS TV. Os programas com as entrevistas aqui publicadas serão exibidos ao longo da programação do Canal 15 da NET diariamente, às 20h e às 23h.

Você tem o seu lugar na UFRGS?

Então escreva para jornal@ufrgs.br e conte sua história – ou a de alguém que você conheça – com esse local

Perfil Delicadamente ousada

Percursos
Das aulas de piano ao curso de Engenharia Mecânica, Gladys Cabral de Mello Borges permanece à frente do seu tempo

Jacira Cabral da Silveira

Ainda que raros na Porto Alegre dos anos 40, sempre que um avião cortava o céu, Gladys chamava a mãe para que viesse compartilhar sua alegria. Paixão que acabou por definir sua futura formação acadêmica: em 1968 ela se tornaria a primeira engenheira mecânica formada no estado. “Adorava motores”, explica. Chegou a estagiar na Varig e até hoje, sempre que há disponibilidade, prefere percursos com conexões para que possa passar mais tempo entre aviões e aeroportos.

Nascida na capital, ela é filha do contador João Cabral de Mello Filho e da dedicada Hilda, mais conhecida por dona Theda, que, ao longo dos anos, preparou cada refeição da família – esposo, duas filhas e três filhos – como um compromisso religioso. Mesmo sendo a mais velha, Gladys Cabral de Mello Borges sempre foi poupada das lidas domésticas, pois sua professora de piano recomendava que a menina evitasse as tarefas de casa para não lhe prejudicar as mãos. Proibição que não entristecia a pequena pianista que cresceu desenvolvendo seu amor pela música e preferindo ficar distante das panelas, mesmo quando adulta.

A falta de predileção pela culinária não chegou a se tornar um impedimento para que, anos mais tarde, formasse com Luiz Francisco Lucena Borges uma família de seis filhos. Gladys reconhece que essa aventura só foi possível graças ao apoio de sua avó materna, dona Adélia, que ajudou a cuidar das crianças para a neta poder continuar os estudos e trabalhar. Ao recordar como conheceu o primeiro esposo, com quem foi casada por 36 anos, sorri e diz ter sido um episódio muito romântico: “Eu ensinava piano pra ele. Ele ensinava desenho pra mim”. O casal se conheceu em um curso preparatório para o vestibular na Escola de Belas Artes.

Além de ensinar desenho no cursinho, Luiz Francisco também era assistente do professor e artista plástico João Fahrion. “Tínhamos uma turma de amigos muito especiais”, recorda ao mencionar nomes como Ângelo Guido, Fahrion, Fernando Corona, Ernesto Frederico Scheffel, Glênio Bianchetti, Alice Soares e José Lutzenberger. Quem visita o apartamento de Gladys, próximo ao centro de Porto Alegre, pode ver nas paredes os sinais dessas amizades cultivadas ao longo dos anos nos quadros expostos em todos os cômodos.

Coisa de mulher – “Eu nasci em uma época errada, não me conformava com as coisas do meu tempo”, comenta, ao lembrar o espanto de seu pai quando lhe falou do desejo de cursar Engenharia. A resposta veio taxativa: “Não é curso para mulher!”. Aconselhou a filha que desse continuidade à sua carreira de pianista e de professora de piano, e a matriculou num curso de corte e costura, em lugar de deixá-la fazer o científico.

Só depois de casada, pôde continuar os estudos e realizar o sonho de cursar Engenharia Mecânica. Não passou no primeiro vestibular porque era difícil conciliar a preparação para os exames com os cuidados com a família, as aulas de piano que ministrava e os concertos. Mas como havia tirado dez na prova de desenho do vestibular, foi convidada pelo diretor da Escola de Engenharia para trabalhar como desenhista.

No ano seguinte, 1963, aos 29 anos, finalmente passou no vestibular. Por ser a mais velha da turma, os colegas a viam como uma irmã mais experiente a quem pediam conselhos. Seu entusiasmo, entretanto, enfrentou algumas resistências, como a do professor de Mecânica Técnica, que deixou claro o que pensava no primeiro dia de aula: “Lugar de mulher é em casa, cuidando dos filhos”. Foi como recepção a aluna, mantendo essa postura até o final do curso. A formatura foi um marco. Quando foi chamada para receber o diploma a céu aberto no auditório Araújo Viana, pôde ver na plateia os seis filhos, a mais nova com três anos e o mais velho com 15, e que, no ano seguinte, passaria no vestibular para Engenharia.

Docência – Em 1972, a convite de um professor com quem estudara na graduação, ingressou como docente da Escola de Engenharia, onde permaneceu até 1991. Também foi professora na PUCRS e na Unisinos, das quais se aposentou mais cedo. Como herdara do pai a pontualidade e a preocupação em cumprir os compromissos firma-

dos, Gladys, em seus 29 anos como professora da UFRGS, só faltou duas vezes ao serviço: a primeira pelo falecimento da mãe e a segunda quando ficou viúva. Mesmo assim, abriu mão da licença concedida nesses casos. “Nunca faltei aula por doença ou aderi a movimentos grevistas”, acrescenta.

México – Recentemente, Gladys retornou do México, onde morou por 21 anos com Juan Carlos Carsolio, seu segundo marido, juiz aposentado da Suprema Corte mexicana que faleceu em 2011. Ela voltou a morar em seu apartamento em Porto Alegre e está sempre recebendo amigos, novos e antigos, e a família. Os netos costumam visitá-la com frequência, e uma das netas insiste em dizer à avó que ela precisa tornar a decoração mais *clean*. Mas isso seria inimaginável, porque não são apenas as paredes que registram detalhadamente os afetos e as lembranças da pianista-professora. Sobre os móveis, junto aos degraus limítrofes entre alguns aposentos, perde-se a conta do número de bonecas trazidas das viagens a mais de 90 países que ela fez com Juan Carlos. Peregrinações já registradas em livro ainda a ser publicado.

Adiantando uma dessas aventuras, Gladys diverte-se contando como foi a desastrosa e perigosa viagem à Patagônia, para conhecer o Glaciar Perito Moreno, uma das geleiras mais notáveis, com 5 km de comprimento e 60 metros de altura acima do nível d’água. Resumindo: o carro pifou na estrada, quase acabaram com uma garrafa de vermute para não morrerem de frio e por pouco não congelaram os pés tentando desatolar o veículo.

Peripécias à parte, foi justamente numa viagem que Gladys conheceu o segundo esposo. Ele fazia parte do primeiro grupo de turistas sob a responsabilidade da ex-professora, que abriu uma agência de turismo com dois colegas do Senac, onde estudara para guia turístico na tentativa de amenizar a dor pela morte repentina de Luiz Francisco. “Foi muito difícil, mas quando a gente tem um objetivo, as coisas ficam mais fáceis”, ensina. Alguns anos depois, em viagem ao Brasil, Juan torna a vê-la, começam a namorar e casam em 1991.

Atualmente de volta a Porto Alegre, a ex-professora da UFRGS estuda italiano, inglês e espanhol. E para os próximos meses já tem agendada a viagem que marcará a retomada de sua carreira como guia de turismo. Afinal de contas, Gladys só tem 76 anos e muita coisa para fazer: “Tenho fome de conhecimento”, inibe-nos.



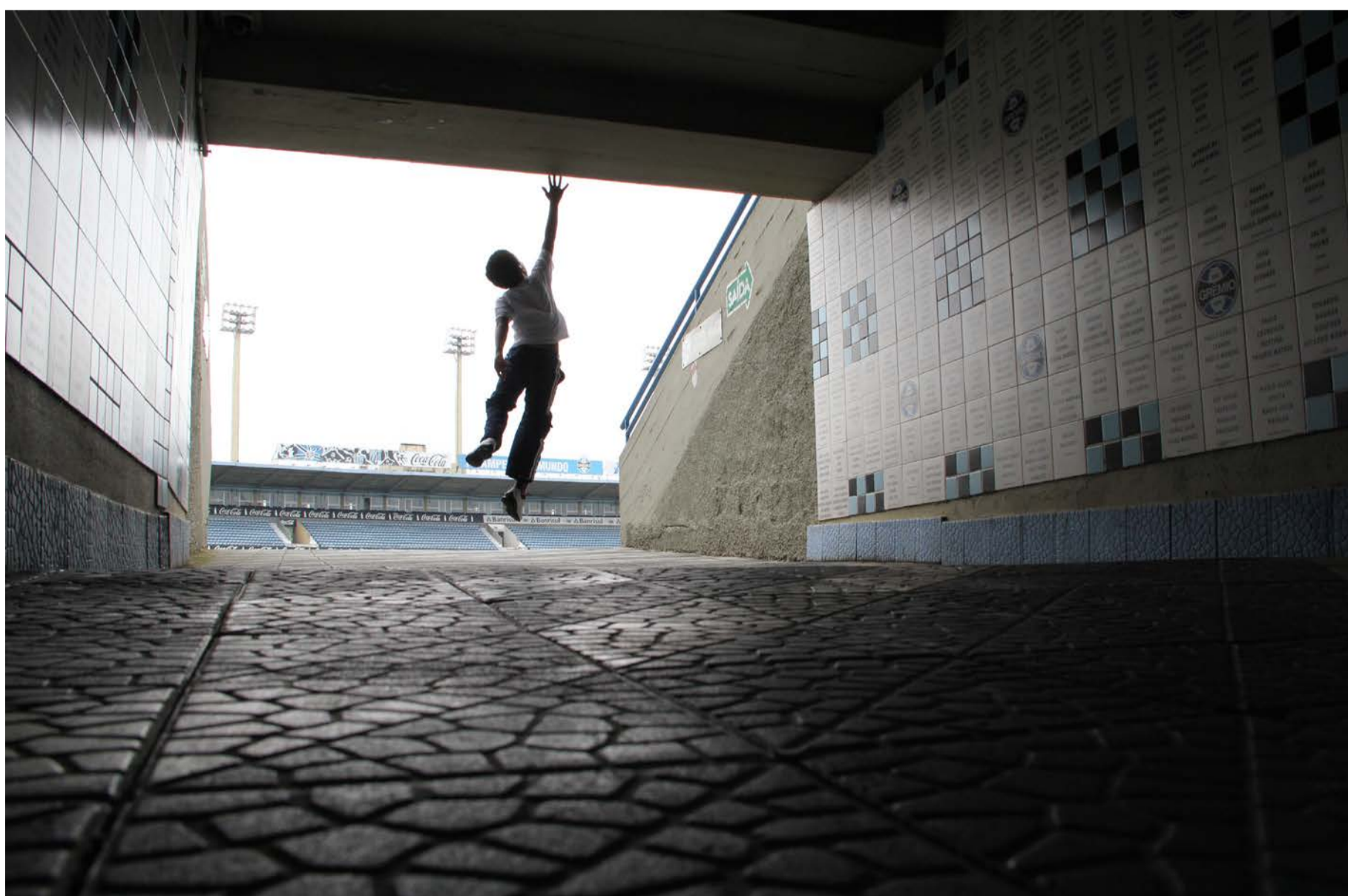
FLÁVIO DUTRA/JU



Uma outra pauta

TEXTO E FOTOS **GABRIELA DI BELLA**

GABRIELA DI BELLA É JORNALISTA E FOTÓGRAFA DO JORNAL METRO - PORTO ALEGRE. AS FOTOS DESTA PÁGINA FORAM PUBLICADAS ENTRE OUTUBRO DE 2011 E MAIO DE 2012.



Começar um jornal do (quase) zero reuniu os jornalistas Flávio Ilha, Maicon Bock, Mônica Kanitz, Valter Junior e eu, em outubro do ano passado. Uma experiência nova que nos assustava e empolgava. Realizamos os chamados “números zero” do Metro Porto Alegre, testando como funcionaria na prática um projeto que já publica jornais em 132 cidades do mundo. Aos poucos, percebemos que a cidade estava gostando da experiência de ter um novo jornal nas ruas. E a expectativa foi tomando a forma de muito trabalho, ainda mais com o desafio maior, diário, de obrigatoriamente ter uma foto para a capa. Assim, cada edição é uma aventura nova: escalando uma rocha, pegando carona de trem, pedindo licença em quase todos os edifícios altos para tentar fazer imagens “aéreas” – que chamamos carinhosamente de “Metrocop”, pegando carona numa carroça ou revelando cores da Bienal. Sempre correndo atrás, lutando para que qualquer pauta, seja qual for, ganhe a forma de uma foto, no mínimo, um pouco diferente.